

convergência

NOV — 1985 — ANO XX — N.º 187



- **A VIDA SEGUNDO O ESPÍRITO**

Victor Codina — página 542

- **A VIDA RELIGIOSA FEMININA, SINAL DE ESPERANÇA**

Irmã Judite Paulina Mayer, NDS — página 552

• **O RELIGIOSO E O ESPÍRITO**

CONVERGÊNCIA
Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:
Ir. Claudino Falquetto, FMS

Redator-Responsável:
Pe. Marcos de Lima (Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:
Pe. Ático Fassini, MS
Pe. Cleto Caliman, SDB
Ir. Delir Brunelli, PIDP
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar
20031 RIO DE JANEIRO — RJ

Assinaturas para 1985:

Brasil, taxa única, terrestre ou aérea:
Até 30.04.1985..... Cr\$ 46.150
Exterior: marítima..... US\$ 28,00
aérea..... US\$ 38,00
Número avulso Cr\$ 4.615

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição (foto e linotipo), **revisão, paginação e impressão:** Esdeva Empresa Gráfica Ltda., Rua Halfeld, 1179 — 36100 Juiz de Fora, MG

Nossa Capa

Esboço que sugere uma antena parabólica de transmissão e recepção de sinais televisivos e telerradiofônicos, símbolo do extraordinário progresso no campo da informática, a transferência de informações codificadas. A antena parabólica é dispositivo essencial do sistema de comunicação, à distância, por ondas e microondas eletromagnéticas.

A realização de uma **Vida Religiosa**, pessoal e comunitária, conforme o Evangelho, precisa ser nossa real preocupação, de cada dia. Nesta tarefa, a **Conferência dos Religiosos do Brasil** (CRB) quer desempenhar a função e o papel da antena parabólica rastreadora, ou seja: (1) Ser, facilmente, sintonizada em frequências diferentes. Não obstante tão numerosas as Congregações, cada uma encontra, nas atividades da CRB, o estímulo que afina, apura e define o próprio carisma. (2) Reduzir as interferências e

os ruídos estranhos, com firme adequação aos sinais complexos da atmosfera. Não sendo do mundo, a VR, todavia, se realiza no mundo. Busca, então, a CRB servir um alimento capaz de imunizar e criar anticorpos ao espírito do mundo. (3) Proporcionar emissão e recepção de sinais dotados de grande nitidez e resolução. Pelo que diz e pelo que faz, a CRB identifica a VR pelo que lhe é substancial, em termos teológicos, bíblicos e evangélicos.

A revista **Convergência** é o veículo de estrutura ajustada aos objetivos fundacionais da CRB na transmissão de informações claras e objetivas para os Religiosos que vivem e trabalham na Igreja no Brasil. Em **CONVERGÊNCIA**, Religioso, Você descobre os elementos que lhe garantem construir a resposta correspondente às suas necessidades de pensamento e de ação. Leia **Convergência**, Nada igual à sua leitura para o exercício conseqüente da esperança (**Pe. Marcos de Lima, SDB**).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL 513

INFORME DA CRB 515

**A VIDA
SEGUNDO O ESPÍRITO**
Víctor Codina 542

**A VIDA RELIGIOSA
FEMININA,
SINAL DE ESPERANÇA**
Irmã Judite Paulina Mayer, NDS... 552

**O RELIGIOSO LEIGO
E AS CEBs:
APENAS UMA REFLEXÃO**
Frater Henrique C. J. Matos, CFMM 559

**DOM CAETANO BRANDÃO,
FRANCISCANO TRIDENTINO
À FRENTE DA DIOCESE
DO PARÁ (1783-1789)**
Riolando Azzi 563

EDITORIAL

Acontecimento eclesial de singular relevância é o SÍNODO EXTRAORDINÁRIO DE BISPOS, convocado por JOÃO PAULO II. Realizar-se-á de 24 de novembro a 8 de dezembro de 1985. Seu objetivo é avaliar a concretização do ideário do VATICANO II nesses vinte anos pós-conciliares, e ver como assegurar a continuidade dessa caminhada.

A SECRETARIA GERAL DO SÍNODO divulgou um Questionário em preparação ao SÍNODO EXTRAORDINÁRIO. A CRB, acolheu e respondeu as questões propostas. Em NOTA PRÉVIA às suas respostas, a CRB afirma que avaliar os resultados do VATICANO II é tarefa necessária e urgente:

— Necessária, porque o próprio VATICANO II ensina que “Cristo chama a Igreja peregrinante a uma perene reforma” (UR 6). “Qualquer outra finalidade que não levasse em conta esta necessidade de permanente reforma, e se limitasse a repetir, restaurar ou, o que seria pior, recuar em relação ao que foi declarado pelo VATICANO II constituiria uma flagrante infidelidade ao Espírito”, diz a CRB.

— Urgente, porque “as mudanças sócio-políticas, culturais e eclesiais ocorridas ao longo das duas décadas do pós-Concílio modificaram e alargaram o ‘sitz-im-Leben’ da interpretação e aplica-

ção conciliares. Urge, neste sentido, reafirmar com a maior ênfase, a tarefa programática do Discurso de Abertura, de JOÃO XXIII, em 11-10-1962: ‘O nosso dever não é só conservar (...). Para isso não haveria necessidade de um Concílio’ (...).” O mesmo JOÃO XXIII afirma antes, a necessidade do progresso na compreensão doutrinal e formação das consciências, e do estudo e exposição da doutrina autêntica que levem em conta as “formas de indagação e formulação literária do pensamento moderno” (ib.). Diz ainda a NOTA PRÉVIA: “Por fidelidade ao próprio Concílio, urge alargar no tempo e no espaço eclesiais, o que foi afirmado sobre as ‘formas de indagação e formulação literária do pensamento moderno’ a outros âmbitos e formas de pensamento que, no momento da celebração do Concílio, não estavam presentes na intenção dos Padres Conciliares, mas que a própria dinâmica conciliar ajudou a despertar e promover. Essas formas de pensamento, que não coincidem e nem têm por que coincidir com as ‘formas de pensamento moderno’ do homem centroeuropeu, ainda necessitam da carta de cidadania a que têm direito na catolicidade da Igreja.”

Pelo visto, o SÍNODO EXTRAORDINÁRIO terá repercussões enormes na vida da Igreja. Ardentemente esperamos sejam positi-

vas. Na verdade, o Espírito que o Senhor derramou sobre todo seu Povo, não costuma apagar a mecha que, em meio a muitos ventos, ainda fumeja. Animará antes, os pusilânimes. E confirmará os generosos. E, permita Ele, a Igreja não peregrine por caminhos de retrocesso. Para isso, não há necessidade de um SÍNODO !

CONVERGÊNCIA apresenta a seus leitores :

— “A VIDA SEGUNDO O ESPÍRITO” — VICTOR CODINA SJ faz um apanhado das raízes bíblicas, história e quesitos fundamentais da espiritualidade. Constata que a Escritura não fala em “espiritualidade” mas em “vida segundo o Espírito”, base da unidade entre vida e espiritualidade. Unidade rompida depois, e que o VATICANO II buscou recuperar. Unidade que ressurgiu hoje no meio dos pobres. Quais seus caminhos, raízes e exigências ? É nisso que se detém o autor.

— “A VIDA RELIGIOSA FEMININA, SINAL DE ESPERANÇA” — Irmã JUDITE PAULINA MAYER NDS vai ao fato da marcante presença da Religiosa na Igreja atual, sobretudo no Brasil. Procura dizer o específico do ser religioso feminino. Acena para o espaço sócio-religioso que lhe é reservado. A vida religiosa feminina é sinal de esperança. A ela Deus confia papel insubstituível na gestação do mundo novo segundo o Reino, para nosso povo.

— “O RELIGIOSO-LEIGO E AS CEBs : APENAS UMA REFLEXÃO”, de Ir. HENRIQUE CRISTIANO JOSÉ MATOS CFMM, é parte da dissertação para a Licença em Teologia, apresentada em 1984, ao TERESIANUM, em ROMA, sob o título “COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE NO BRASIL — UMA INTERPRETAÇÃO PARA O SER-CRISTÃO”. Nesse breve texto, Ir. HENRIQUE levanta a questão do RELIGIOSO-LEIGO, “o grande incógnito em âmbito eclesial”. “Ser-reservado” a Deus, por sua consagração religiosa, o irmão Leigo é também um “ser-enviado” à missão. Possa esta reflexão suscitar maior atenção para o valor e sentido do RELIGIOSO-LEIGO.

— “D. CAETANO BRANDÃO, UM FRANCISCANO TRIDENTINO À FRENTE DA DIOCESE DO PARÁ (1783-1789)”. O historiador Prof. RIOLANDO AZZI aqui analisa a figura e obra de D. CAETANO BRANDÃO que empreendeu particular esforço na implantação do modelo tridentino de Igreja, no Brasil. Religioso franciscano, Caetano buscou no claustro, radical ruptura com o profano. Como Bispo do PARÁ, destaca-se pela “preocupação em ser fiel ao modelo de pastor proposto pelo Concílio tridentino”. Possa ele, entendido em seu contexto histórico-eclesial, inspirar maior empenho em buscar e sempre mais aperfeiçoar o modelo de Igreja delineado pelo VATICANO II para os nossos dias.

Pe. Atico Fassini ms

I N F O R M E

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

REGIONAIS DA CRB NORTE E NORDESTE :

**V ENCONTRO INTER-REGIONAL DAS DIRETORIAS DA
CRB NORTE E NORDESTE**

11 a 14 de julho de 1985

FORTALEZA — CE

"PRIORIZAR A FORMAÇÃO INTEGRAL DO RELIGIOSO EM TODAS AS ETAPAS, VOLTADA PARA OS APELOS E URGÊNCIAS DOS EMPOBRECIDOS SEGUNDO AS PRIORIDADES DA CRB-NACIONAL E DAS ORIENTAÇÕES DA IGREJA DO BRASIL" foi a conclusão do V ENCONTRO INTER-REGIONAL DAS DIRETORIAS DA CRB DO NORTE E NORDESTE DO BRASIL.

A CRB REGIONAL FORTALEZA recebeu nos dias 11 a 14 de julho pp. membros das Diretorias e Executivos das Regionais de Manaus, Belém, São Luís, Teresina, Recife e Salvador. A CRB-Nacional fez-se presente na pessoa de Pe. Ático Fassini, Secretário Executivo Nacional. O Encontro, tendo como objetivo refletir sobre a caminhada de Inserção dos Religiosos nos meios populares, nas Regiões Norte e Nordeste, contou com a presença e assessoramento de Pe. Paco SJ. de Cratéus, Ir. Neiva Sampaio-FMA de Recife e de Dom Aloísio Lorscheider, Cardeal Arcebispo de Fortaleza.

1. REALIDADE DA INSERÇÃO DOS RELIGIOSOS.

Os Religiosos do Norte e Nordeste enfrentam dificuldades e desafios, transpõem barreiras para aderirem à luta de libertação do povo oprimido, segundo a realidade de cada situação regional: inserção no universo cultural do povo, participação nas lutas pela terra em defesa e sobrevivência do lavrador, do índio, na luta pela dignidade do favelado, pelo direito e respeito ao operário, e contra toda forma de discriminação feita à pessoa humana.

2. MOTIVAÇÕES PARA A INSERÇÃO.

Como resultado do trabalho em grupo sobre "o que clareou" e "o que deve ser aprofundado" de tudo o que foi relatado pelas Regionais, Pe. Paco aprofundou :

A. MÍSTICA DA INSERÇÃO.

A fé leva à crescente radicalização no seguimento de Jesus Cristo como **pessoa** identificada com os mais lascados (Mt 25), com a **missão** — trazer vida nova — REINO (Lc 4).

A espiritualidade tem por base 4 Cânticos do Servo Sofredor de Isaías, que narra a luta política nos anos em que o povo Hebreu foi mantido escravo no Egito :

- 1.º Cântico — Is. 42,1-9: Deus escolhe o povo que não se contamina com a ideologia do opressor, e resiste à tirania.
- 2.º Cântico — Is. 49,1-6: Nova aliança para a construção da nova sociedade. Nova esperança. O povo assume consciente a sua missão.
- 3.º Cântico — Is. 50,4-9: Começa a crescer a semente da luta: denunciar e estar preparado para o pior.
- 4.º Cântico — Is. 52,13-53,12: Futuro, fruto maduro. A vitória é de Deus.

B. METODOLOGIA da INSERÇÃO.

A nova sociedade, final do REINO, se constrói a partir do povo, sujeito da libertação. É preciso :

- Reconhecer e assumir que somos agentes;
- Reconhecer nosso caráter de "classe";
- Assumir nossa função específica como "agente": querer que o povo seja o agente da própria transformação.

- Missão do agente :

1. Amar o povo — compaixão, porque sendo pessoa, está oprimido;
2. Confiar no povo — como sujeito da história, o povo tem forças que devem ser despertadas;
3. Apreciar o que é do povo — observar seus gestos; escutar o que diz; valorizar sua cultura;
4. Servir ao povo — colocar-se a serviço do interesse do povo, entrando no seu projeto;
5. Respeitar a liberdade do povo: sua palavra, sua opinião, suas iniciativas.

3. RELIGIOSOS INSERIDOS NA AMÉRICA LATINA.

Ir. Neiva Sampaio apresentou o relatório que expôs na Assembléia da CLAR, em Guatemala. Nesse relatório foram visualizados, através de transparências, os passos do processo da caminhada dos Religiosos, enfocados nos dois Encontros de Comunidades Inseridas, realizados em Lagoa Seca-PB. A Nova VIDA RELIGIOSA que surge humilde mas vibrante no seio da Igreja que nasce do povo, é um fato, Por isso, ela é apoiada com carinho e respeito pelos Teólogos e Bispos do Nordeste.

4. VISITA AS COMUNIDADES INSERIDAS DE FORTALEZA.

Foram quatro as comunidades de Religiosas Inseridas visitadas pelo grupo: Canindezinho, com as Irmãs Salvatorianas; Granja Lisboa, com as Irmãs de Santa Dorotéia; Jardim Iracema, com as Filhas da Caridade; Pedra, Noviciado das Irmãs Missionárias Capuchinhas.

Os depoimentos sobre a vida e missão dos religiosos inseridos foram colocados em comum, e disso resultou a reflexão de **Dom Aloísio** :

5. VIDA RELIGIOSA INSERIDA NO MEIO DO POVO.

- A inserção da VR no meio do povo é irreversível. O Espírito Santo provoca a redescoberta do povo.
- A formação dos jovens membros, no ambiente do povo, dá base para a missão.
 - Estamos em contato com um povo de fé; ele nos enriquece.
 - O povo acredita que tudo o que faz, fá-lo com o **poder de Deus**.
- O povo nos questiona :
 - Fil. 2,6 = Kénosis exige respeito ao ritmo do povo,
 - esvaziamento até de nossas idéias,
 - identificação com o povo, no sentido de
 - muita humildade, e
 - leva-nos a rezar com ele e como ele...
- Missão do religioso inserido :
 - amar o povo com a ternura de Deus;
 - viver a espiritualidade da inserção que ajuda a conversão :
 - indignação pelo estado em que o pobre é colocado;
 - vergonha pela nossa ineficiência = não somos capazes de evangelizar os homens para que essas injustiças possam ser evitadas;
 - reparar o insulto feito aos Filhos de Deus.

O grande desafio lançado por Dom Aloísio ao grupo, foi :

— como podemos formar os futuros religiosos na própria base?

6. AS REGIONAIS AVALIAM SUA CAMINHADA.

Três perguntas orientaram a partilha da vida das Regionais e seu compromisso na animação, promoção e coordenação da VR:

— Foram pontos mais significativos :

- Formação integral dos religiosos.
- Pequenas Comunidades Inseridas e seu compromisso com o empobrecido.
- Acompanhamento aos Núcleos.

— Foram dificuldades mais expressivas :

- fechamento das Congregações femininas;
- ausência das Congregações masculinas;
- dinamização dos Núcleos.

— Foram desafios constantes :

- atingir os religiosos das escolas, hospitais e paróquias;
- o processo da inserção na zona rural e urbana;
- atendimento aos religiosos do interior (Núcleos).

7. PROPOSTA DO V ENCONTRO INTER-REGIONAL ÀS REGIONAIS :

Dos desafios destacados, foi elaborada a proposta acima, visando a **FORMAÇÃO/INSERÇÃO** como resposta ao chamado para uma missão junto aos empobrecidos.

Fortaleza, 19 de julho de 1985.

Fortaleza, 19 de julho de 1985.

Mr. Isabel Tooda, SDS

CERNE EM FOCO

Para o presente ano, como nos anteriores, foram programados pela CRB, quatro encontros CERNE (= Centro de Renovação Espiritual), programa iniciado em 1977. Os dois primeiros foram realizados respectivamente no Rio de Janeiro e em Salvador, com o mesmo n.º de participantes (46), pertencentes igualmente ao mesmo número de famílias religiosas (36). O CERNE XXIX, de São Luís, contou com 34 religiosos, provindos de 12 Estados e do México (dois Irmãos Maristas).

Aproximadamente 2/3 dos participantes do CERNE são da região onde se realiza o encontro, correspondendo, portanto, ao objetivo de seu caráter itinerante: facilitar a participação dos religiosos, evitando deslocamentos custosos.

O 30.º CERNE (e último do presente ano) será em Curitiba, de 07 de outubro a 22 de novembro, na Casa das Irmãs da Divina Providência, no Ahú de Baixo. A coordenação estará com a Irmã Therezinha Cavichi e o Irmão Henrique Justo. Se comparecerem os 41 selecionados, serão 1.296 os religiosos que terão usufruído, até hoje, os benefícios desta iniciativa da CRB.

Nos três Estados sulinos, há en-

contros periódicos de Cernistas. No começo do ano, houve o 5.º Encontro Regional em Florianópolis (Morro das Pedras). No dia 07 de setembro último, terminou um encontro, seguido de retiro de Cernistas em São Leopoldo, RS. Além disso, 22 Irmãs da Providência de Gap e 03 Padres se reencontraram em Itajubá no mês de julho, talvez dando início a um movimento mais amplo em Minas Gerais, a fim de manter vivo o período de graças que é o CERNE.

"Que a palavra de Deus habite em vós com a maior abundância, instruindo-vos e advertindo-vos uns aos outros com toda a sabedoria." (Col 3,16.)

Em 1986, serão realizados três CERNES :

- 05 de maio a 20 de junho: Cx. P. 2525 — 30000 BELO HORIZONTE — MG.
- 04 de agosto a 19 de setembro: Cx. P. 682 — 60000 FORTALEZA — CE.
- 13 de outubro a 28 de novembro: Cx. P. 287 — 88350 BRUSQUE — SC.

Irmão HENRIQUE JUSTO FSC

PROGRAMA PARA FORMADORAS CONTEMPLATIVAS PRO-FOCO II — III ETAPA

De 01 a 21 de setembro p.p., realizou-se em Petrópolis, no Convento Madre Regina, a terceira etapa do Curso para Formadores Contempla-

tivas — PRO-FOCO oferecido pela CRB/Nacional às Contemplativas do Brasil.

Chegamos a Petrópolis, no Convento Madre Regina, dia 31 de agosto. Éramos 24 participantes, de dez diferentes Ordens Contemplativas: Beneditinas, Carmelitas Descalças, Carmelitas da Antiga Observância, Concepcionistas Clarissas, Contemplativas de Sion, Visitandinas, Passionistas, Redentoristas e Monjas Dominicanas. Tivemos a honra e alegria de ser recebidas pelo Presidente da CRB, Irmão Claudino Falchetto que, depois de um jantar fraterno, dirigiu-nos algumas palavras, introduzindo-nos na temática desta 3.^a Etapa:

A DIMENSÃO CRISTOLÓGICA E ECLESIAL DA VIDA RELIGIOSA CONTEMPLATIVA.

Dia 1.^o de setembro, às 8h, iniciamos o Curso com a celebração da Eucaristia, presidida por Frei José Ariovaldo, OFM.

Após a Eucaristia, alegremente vivida e participada pelo grupo, a coordenadora do curso, Ir. Teresinha Pegoraro, da Congregação das Irmãs de S. José de Chambéry, acolheu carinhosamente as cursistas organizando o encontro com a participação de todas.

As participantes, nesse dia, foram convidadas a apresentar os trabalhos de aprofundamento requeridos pelo curso, feitos no intervalo das etapas. Cada uma apresentou seu trabalho, as alegrias, as descobertas e as dificuldades que teve na elaboração do mesmo.

Foi feita também a apresentação dos relatórios de transmissão da 2.^a Etapa, nas Comunidades.

A partilha foi muito enriquecedora. Constatamos e admiramos o esforço das participantes em transmitir a matéria e a receptividade das comunidades em acolhê-la.

O conteúdo desta 3.^a Etapa foi de um valor extraordinário para todas:

DIAS : 02 a 07 — Cristologia, Eucaristia e Fé: Pe. Carlos Palácio SJ.

08 — Dia de oração: D. Afonso Gregory. Bispo auxiliar do Rio de Janeiro.

09 a 10 — Mariologia, Irmão Ilário Caresia, marista.

11 a 13 — Eclesiologia: Pe. Cleto Calimam, salesiano.

14 a 15 — Temas do magistério: Frei Luís Fernando Peixoto, ofm.

16 a 18 — História da Igreja: Frater Henrique van der Maat cfmm.

19 a 20 — Dias de Aprofundamento, tarde livre e preparação para a última etapa — Coordenação.

21 — Eucaristia celebrada por D. Vital Wilderink, oc, Bispo de Itaguaí — RJ.

Encerramento.

As exposições dos professores foram profundas e desafiadoras. Os pequenos intervalos, alegres e fraternos foram também muito proveitosos para diálogos mais descontraídos.

A competência dos professores

correspondeu plenamente o vivo interesse das Irmãs. Formaram-se equipes de debate e aprofundamento, com plenários magistrais, dissipando todas as dúvidas e aumentando o entusiasmo.

O ponto alto do dia foi sempre a Eucaristia, celebrada com muita participação e cuidadosamente preparada. O ofício divino também era diariamente cantado em comum. Éramos uma única família, muito unida, sobretudo nas alegres refeições e recreios.

Encerrou-se esta riquíssima etapa com a celebração solene da Eucaristia, presidida por D. Vital Wilderink.

E, depois das efusivas despedidas, lá se foram as "profoquenses" por este Brasil afora, mais conscientes de carregarem o mundo em sua oração de se acharem no coração da Igreja como sinal, para toda a Humanidade, do apelo universal à contemplação, ante-gosto da vida eterna a que todos são chamados. Firmes na dimensão de gratuidade da vida contemplativa, em benefício de todo o Corpo Místico. Deus é Deus! E o homem não se contenta com menos do que com Deus.

Ir. Maria José Emanuel do Rosário, OP

Monja Dominicana
Mosteiro Cristo Rei
SÃO ROQUE — SP.

«UM MÍSTICO DE MANGAS ARREGAÇADAS: FREI TITO BRANDSMA, CARMELITA»

A 3 de novembro de 1985, na Basílica de SÃO PEDRO, em ROMA, será beatificado o Pe. TITO BRANDSMA, OC. Pe. TITO, em família ANNO SJOERD BRANDSMA, nasceu a 25/02/1881, na HOLANDA. Aos 18 anos ingressou na Ordem Carmelita. Aos 24, foi ordenado sacerdote. Na Universidade Gregoriana doutorou-se em Filosofia. De volta à HOLANDA dedicou-se ao ensino e ao jornalismo. Em todas as atividades porém, viveu profunda vida de contemplação, segundo o espírito carmelitano. Tornou-se Reitor Magnífico da Universidade de NIJMEGEN em 1932. Assistente Eclesiástico da UNIÃO DOS JORNALISTAS CATÓLICOS da HOLANDA, organizou com a imprensa católica holandesa, uma frente de resistência à Ideologia nazista, assumindo a defesa dos perseguidos. A HOLANDA foi invadida pelas tropas de HITLER, em 1940. Pe. TITO foi preso pela GESTAPO, em 19/01/1942. Levado ao campo de concentração de DACHAU, viveu os horrores da prisão nazista. Ali testemunhou mais vivamente ainda, na bondade e fortaleza da fé, seu imenso amor a Deus e ao próximo, sobretudo os colegas de prisão, segundo as exigências de seu sacerdócio e vida religiosa. A 26/7/1942, em DACHAU, foi assassinado com uma injeção de ácido fênico. A Igreja tem em Pe. TITO um santo moderno, no verdadeiro sentido da palavra.

Durante sua vida, frei Tito Brandsma era chamado "um místico mergulhado no cotidiano", que podia ser ao mesmo tempo "tranquilo e irrequieto", em razão de sua íntima experiência com Deus. Dizia um antigo aluno seu: "Ele era o místico, no continente europeu, com bilhete trimestral de ferrovia, e se santificou em compartimentos de trem". Um

colega de frei Tito observava: "Sua firme naturalidade, seu caráter equilibrado, seu preparo teológico e a tradição da sua Ordem fizeram com que compreendesse perfeitamente que a mística é o desenvolvimento da vida interior, que é ao mesmo tempo gradual e orgânico e de modo nenhum é algo raro."

O ponto de vista místico da vida

Perderia tempo quem procurasse em frei Tito a mística no sentido clássico. Não era um monje a viver retirado do bulício do mundo, dedicando-se inteiramente à conversação

com Deus. Não escreveu nenhum diário onde constasse a descrição de suas experiências. Suas idéias pessoais escondem-se em estudos históricos. Não escrevia nem falava

sobre suas experiências particulares. "Poucos tiveram o privilégio de penetrar até o seu interior, mas a nobreza de seu caráter era evidente a todos que dele se aproximavam. Não era necessário mergulhar em seu interior para se conhecer sua autenticidade, porque tanto os seus pensamentos como suas ações repousavam em firmes princípios e numa fé profunda.

Inspirado pela vida conventual

O ponto de partida de Tito para "buscar a última realidade" não era, como sói acontecer em nossos dias, a negação de uma cultura em que Deus não está mais presente. A procura não era uma batalha nos desertos da vida com um Deus desconhecido. Não. O ponto de partida era uma opção definitiva por "Deus somente", cuja raiz remontava à sua juventude mas constantemente reafirmava pela vida conventual e desenvolvida em espírito de entrega. A primitiva inspiração eremítica da

Sua paixão dominante

Seu amor só a Deus o impeliu a uma intensa solidariedade com o mundo, com "a grande confusão no campo do pensamento". Nutria pouca simpatia para com o conceito corrente em sua época, de que "nos conservamos em pé em meio ao rodamoinho da vida... como uma rocha inabalável". Mas também não foi parar no "deserto da liberdade", onde se perde o sentido de orientação. Em seu interior, dispunha de um lugar de repouso, que se achava aberto ao mundo e, ao mesmo tempo, estava ancorado em Deus.

Dominava-o a paixão de procurar constantemente a Deus, a fim de viver bem unido a ele. Entre as anotações para um retiro escreveu: "Considerar a vida como uma marcha pelo deserto até o Horeb, para lá ver a Deus e na sua contemplação, conferir à vida uma dimensão inteiramente nova. Tornar a vida um antegozo do céu, vendo a Deus unido a nós o mais possível desde aqui, Deus vivendo e operando em tudo."

Ordem do Carmo exercia em frei Tito uma forte atração. A intimidade pessoal com Deus só era algo prioritário para ele. Isto não era cultivado apenas em função do apostolado, mas como um valor em si mesmo. A abertura para o homem e para o mundo era vista como um valor inerente a essa intimidade. "Não dividir nossos corações entre Deus e o mundo. Olhar o mundo tendo Deus em seu fundo, de modo a eliminar qualquer contraste entre ambos" (Notas para um retiro).

Os egoístas, os endurecidos e os calculistas não encontram compaixão aos seus olhos normalmente mansos, porque extinguem o Espírito que, no coração, inspira novas formas de vida.

"Aquele que não enxerga a manifestação do Espírito Santo na Igreja não penetra em sua essência. A percepção deste fato é garantia mais segura do florescimento da Igreja... Portanto devemos alargar os nossos corações e abandonar nossos acanhados limites, dentro dos quais cor-

re a nossa vida. O Espírito de Deus deve agir livremente em nós, soprar através de nós, de modo a nos encher tão amplamente quanto permitam os nossos corações criados para o infinito... A brisa refrescante se dirige para as portas e as janelas da abafada morada de nossa alma, somos sufocados pela atmosfera pesada da nossa existência mundana, porém permitimos que sejam derrubadas as barreiras a fim de que o sopro do Espírito Santo passe pelos

Seus dons naturais

Em certo sentido, frei Tito levava uma vida tranqüila. Possuía uma inteligência perspicaz, uma vida emotiva serena, por natureza era um otimista. Procurava quase que espontaneamente o equilíbrio e a síntese.

"Vida tranqüila", em termos. Quando a questão é de atitude pessoal com Deus, a mesma questão se estende igualmente a todos: "O que você fez com os talentos que lhe concedi?", e não "A vida lhe foi difícil?" Frei Tito poderia ter cultivado os talentos em benefício próprio. Não teria vindo a ser um perigo. Mas não o fez em razão do seu amor apaixonado por Deus, no qual encontrava um fundamento para a sua vocação religiosa.

"Em nossas aparições em público, não fomos chamados a executar coisas extraordinárias e eloqüentes. Seria contra a simplicidade como nós a devemos praticar. Mas é nosso dever fazer as coisas ordinárias com grandeza, isto é, com intenção pura e todo empenho. Não pretendemos colocar-nos na vanguarda e colher

nossos corações... Sabemos que não estamos unidos a ele e não vivemos por ele, nele, com ele e, no entanto, é o primeiro requisito para que alguém seja um verdadeiro católico. Esta consciência se desfez em muita gente. Se continuasse viva em seus horizontes mais largos, as coisas seriam outras. Temos de rezar para que Deus envie seu Espírito para que tudo seja recriado e se renove a face da terra."

aplausos por realizações que as pessoas do mundo admiram. Desejamos apenas ser respeitados por nossa simplicidade e sinceridade. O Cardeal Gasquet disse uma vez que os carmelitas se distinguiam por sua aparência natural e autêntica: "são simples e sinceros", não sofisticados, e francos em corpo e alma. Considero isto a coisa mais bela que se possa falar da nossa atitude espiritual e do nosso apostolado entre as pessoas" (**Notas para um Capítulo**).

Em seus escritos, frei Tito insistia muitas vezes para que não se apresentasse a mística como algo inacessível. Estava profundamente convencido que o desenvolvimento do homem exige a mística como seu objetivo final. Não que todos tenham de alcançar suas formas mais elevadas, mas que permitam ser inspirados pela mística.

"Já uma vez na história da nossa espiritualidade, vimos como a prática unilateral da virtude conduziu a uma exterioridade da vida espiritual. Por isso, devemos estar de sobrea-

viso a fim de não repetir o mesmo caminho inconscientemente... A ação não é suficiente, ela deve derivar de maneira consciente da ina-

bitação interior de Deus, como foi ordenado ou recomendado por ele nas profundezas do nosso ser."

Seu itinerário até a mística

"Místico prático" foi o título que atribuíram a frei Tito. Ele mesmo assinalava sua estima pelos místicos como Ruysbroec e Santa Teresa, "tão sóbrios e prosaicos, tão realistas e práticos", com "acentuado caráter pedagógico". Era como se estivesse falando de si mesmo:

"Eram ambos mestres da vida espiritual, que não revelaram em primeiro lugar o que os fez escrever, ainda que ambos concedem que foi uma força interior que os levou a isso. Escreveram especialmente para que os outros pudessem conhecer os caminhos que Deus utiliza para conduzir as almas à união consigo."

Estar numa contínua procura de Deus é — conforme afirma Tito — algo ativo e passivo alternadamente, uma busca desejada e muito consciente com o coração e a inteligência, e também um deixar-se cativar.

Contemplação vital, global

A semelhança de Santa Teresinha de Lisieux, muito da inspiração de frei Tito se esconde sob a imagem de contemporâneas flores artificiais. Sua linguagem é tanto floreada como escolástica.

Dentro do quadro de referência escolástico onde as faculdades do ho-

"Podemos procurar a Deus com os olhos. Ele pode agir de modo tão irresistível, que temos de vê-lo. Ele pode determinar o nosso olhar. Se usarmos a nossa inteligência com toda sua capacidade, e não nos fixarmos à mera superficialidade das coisas então subiremos do finito para o Infinito... Se procurarmos isto, acabaremos por achá-lo. Pois se nos ajustarmos a esse Objeto, então ele nos determina, nos fascina. E assim se dá interação entre o passivo e o ativo no processo de interiorização, que podemos chamar também um voltar-se para Deus." (**Notas para um retiro**).

A respeito da renúncia de si mesmo, observa Tito:

"É desejável considerar a negação de si mesmo em uma luz a mais positiva possível, isto é, como a vontade positiva de fazer o que o amor requer com o sacrifício de si."

mem eram claramente distintas, ele procurava em vão uma formulação correta da síntese que se vislumbra todavia: amar a Deus com todas as faculdades — com a razão, a inteligência, imaginação e afeto, a saber, intuitiva e dinamicamente.

"Devemos enxergar Deus primei-

ramente como o chão mais profundo do nosso ser... e adorá-lo não só no nosso próprio ser, mas também em tudo o que existe; primordialmente, no nosso próximo, bem como na natureza, no universo, como Ele se acha onipresente e permeando tudo com o trabalho de suas mãos."

Esta contemplação é uma contemplação vital. A própria vida se acha envolvida diretamente nela :

"Levamos nossa vida e pensamos muito pouco como em Deus estamos unidos uns aos outros, e que todos juntos nos achamos unidos a ele. Nossa presença em todos os luga-

A experiência de Deus na prova final

Ao se ver privado de tudo — cuidados médicos, proteção de um ambiente acadêmico e conventual, trabalho, símbolos religiosos, esperança na vida — frei Tito continuava o mesmo homem alegre de sempre, esquecendo-se de si por amor aos outros. No campo de concentração de Amersfoot, na sexta-feira santa de 1942, teve a ousadia de falar a respeito de mística, da experiência de Deus e do "sentimento alegre e agradecido" que o pensamento de um Deus sofredor desperta em nós. Uma testemunha ocular descreveu a cena :

"Em forma de roda, os prisioneiros estavam encostados, sentados ou deitados nos beliches de três andares. O mau cheiro dos andrajos, de corpos cansados e suados impregnava todo o alojamento. As cabeças

res deve ser uma festa, um conforto para os outros. Ser tudo para todos. Solidários com os outros, interessados neles. Não um interesse em razão de vantagens. Levando em conta a introversão de alguns caracteres. As pessoas, muitas vezes, pretendem agir melhor do que o fazem de fato. Por conseguinte, o amor suporta tudo. O que Nosso Senhor suporta? Como ele vê as coisas tão diferentes de nós! Ver os homens e as coisas com o olhar de Deus. Preocupar-se em servir aos outros. O despreendimento e a humildade são companheiros do amor. Todos os três são uma preparação para a vida de oração."

raspadas privava-os de qualquer individualidade, conferindo-lhes um aspecto sinistro. Bem na minha frente, no corredor entre os beliches, se achava o professor Tito, o orador, ou melhor, o pregador daquela noite. Estava em pé sobre um caixote de batatas, envergando seu uniforme ridículo e pardacento. Discorria sobre a Paixão de Cristo, do qual o seu coração estava repleto. Espontaneamente as palavras brotavam-lhe do coração e atingiam o alvo. Podia-se ouvir a queda de um alfinete. Por trás das lentes de seus óculos, brilhavam seus olhos, fazendo as pessoas se esquecerem de sua triste aparência. O silêncio era pesado. Cada um lutava com seus problemas e misérias. Aí se oferecia uma chave: o amor do Senhor."

Do mais fundo do coração, partin-

dô de sua rica experiência, frei Tito oferecia calor humano nesse deserto da civilização moderna. No breve período em que lhe foi permitido estar a sós com Deus, trancado em sua cela da prisão em Scheveningen, escreveu algumas linhas que revelam um pouco o seu interior. Aqui podemos verificar quão pouco ele tinha necessidade das pessoas para si mesmo.

"Eu poderia gritar de alegria porque Deus me fez encontrá-lo em plenitude. Não estou à espera de ninguém. Nenhuma pessoa pode vir até mim. Agora Ele é meu único refúgio

e sinto-me seguro e feliz. Eu permaneceria aqui para sempre, se Deus assim dispusesse. Poucas vezes tenho estado tão contente" (Minha cela, memórias).

Três semanas mais tarde, esta exaltação tomou a seguinte forma poética :

"Deixai-me sozinho, neste frio.
Não tenho precisão de ninguém.
A solidão não me causa medo,
porque vós, ó Jesus, estais comigo.
Nunca estive tão perto de vós.
Permanecei comigo, ó Jesus,
vossa companhia torna tudo bem."

Frei Paulo Gollarte O. CARM.

A EVANGELIZAÇÃO JUNTO AO MENOR

A PARTIR DO SER RELIGIOSO

Três são os núcleos que compõem o tema que o GRE PRÓ-MENOR pretende explicitar na tentativa de aprofundar a Identidade dos Religiosos que trabalham na Pastoral do Menor:

- * O que é evangelizar
- * Junto ao Menor
- * A partir do Ser Religioso.

1. O que é evangelizar ?

Jesus, ao assumir de modo explícito a Missão que o Pai lhe confiou, afirma: "Eu devo anunciar a BOA-NOVA do REINO DE DEUS" (Lc 4,43). Essa Boa-Nova a traduziu no alegre ANÚNCIO da realização das PROMESSAS e da ALIANÇA, feitas por Deus desde a criação do homem.

As palavras chaves de Jesus em seu Anúncio são: REINO DE DEUS e SALVAÇÃO. Essas duas palavras traduzem uma revolução total, global e estrutural da velha ordem, libertando o homem e o mundo de tudo o que aliena e oprime, dando-lhe a alegria de conhecer a Deus, de ser por Ele conhecido, de ver a Deus e de se entregar a Ele.

Esse Reino de Deus, que é dom gratuito, uma Graça e uma Misericórdia por parte de Deus, se traduz numa Salvação para o homem, i.é,

numa realização plena em Jesus Cristo. Entretanto, esse dom e essa realização implicam por parte do homem uma "METANÓIA", ou seja, uma resposta de total mudança de seu interior, uma profunda modificação de seu modo de pensar e agir (Mt 4,17), exigindo: ruptura (Lc 12, 51-52), crise e exigências de uma **firme decisão** em favor de uma nova ordem e uma atitude de **prontidão no seguimento de Jesus Cristo** (Mt 13,44; 10,37; Lc 17,33; Mc 9,43).

EVANGELIZAR, portanto, é anunciar a BOA-NOVA de um NOVO REINO que SALVA, i.é, que plenifica pessoas e estruturas, gerando um HOMEM NOVO e uma NOVA SOCIEDADE: "**Eis que faço novas todas as coisas**" (Apoc 21,5).

Essa Boa-Nova, há de ser proclamada primordialmente pelo TESTEMUNHO que comporta presença, participação e solidariedade. Tal testemunho já proclama silenciosa mas eficazmente a Boa-Nova do Reino e da Salvação, mas precisa ser esclarecido, justificado e explicado por um ANÚNCIO claro do Senhor Jesus. Jamais haverá Evangelização verdadeira se o Nome, a Doutrina, a Vida, as Promessas, o Reino, o Mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus não forem anunciados através de um

Anúncio Explícito. Além disso, essa Boa-Nova, acolhida e assimilada, deve levar a uma transformação de vida traduzida num mundo novo, novo estado de coisas e novo modo de ser, viver e conviver junto aos outros, assim como na entrada visível numa Comunidade, a Igreja, Sacramento visível da salvação, sinal de transformação, da novidade de vida e aceitação dos **Sacramentos** que manifestam e sustentam essa adesão pela graça que conferem.

Entretanto, aquele que foi evangelizado, deve por sua vez tornar-se **Evangelizador**, pois não se pode conceber uma pessoa que tenha acolhido a Palavra e se tenha entregado ao Reino, sem se tornar alguém que testemunha e anuncia esse Reino e a Salvação que ele traz consigo.

2. Junto do Menor

O que é o Menor? Sociologicamente, é o ser humano fruto de uma sociedade injusta que lhe impede de ser criança, menino, menina e jovem. É aquela pessoa carente, abandonada e até infratora, sem referência, sem nome, sem identidade, sem raiz, sem esperança de situar-se no mundo como projeto de vida, sem ser sujeito de sua história e da história dos seus irmãos.

O Menor é um objeto nas mãos dos poderosos, manipulado por interesses vis, emudecido sem voz e sem vez, utilizado como mão de obra barata, como objeto de filantropia, desespero dos adultos que o expulsam de sua vida, restolho da sociedade e abandonado à sua própria sorte.

Do Menor pode-se dizer o que Isaías dizia do Messias: "... **Tão desfigurado estava seu rosto, que não parecia mais um homem... Desprezado e abandonado pelos homens, homem de dores, experimentado no sofrimento, semelhante ao leproso de que a gente se desvia. Nós o desprezamos e o tivemos por nada**" (Is 52,13; 53,12).

Teologicamente falando, o Menor, pode ser o mais pobre entre os pobres, é o "**escândalo do mundo, o lugar onde o mundo é mais interrogado**", e em consequência, o **lugar especial** onde a Igreja e sobretudo os Religiosos podem testemunhar melhor o Amor de Deus e revelar o Reino e a Salvação trazidas por Cristo.

3. A partir do Ser Religioso

O Carisma do SER RELIGIOSO na Igreja, i.é, sua identidade e Missão Específica é o de ser um testemunho vivo e vivente de Cristo. O "Ser Religioso" não entra na estrutura hierárquica da Igreja, mas em sua estrutura sacramental, i.é, de "sinal" na e da Igreja. Distingue-se de todo cristão só pelo modo de viver o amor a Deus como Pai, e o amor ao próximo como irmão. É sua "Consação total, permanente, pública e radical de vida na construção do Reino. O Religioso é chamado a ser na Igreja o sinal permanente ao amor do Pai revelado em Cristo". O Ser Religioso se situa portanto na Igreja, na perspectiva de uma Missão CARISMÁTICA e PROFÉTICA, e não numa linha ministerial ou hierárquica.

Sua Missão é **carismática** porque não detém poderes e cargos como os tem a hierarquia. Seu único poder é a SANTIDADE. O sacerdote, mesmo não sendo santo, seu ministério é válido. O mesmo não se pode dizer do Religioso: Sua ação evangelizadora é válida como Religioso na medida que é santo, pois sua missão não é o "Fazer pastoral" mas o "ser pastoral". No fazer tanto promocional, como educacional ou pastoral, qualquer pessoa pode substituir o Religioso mas não em seu ser. **"Mesmo que sejam importantes as obras às quais vos dedicais, entretanto a obra fundamental continua sendo o que vós sois na Igreja"** (Redemptionis Donum, pág. 15).

A Missão do Religioso é além disso e sobretudo, uma missão **profética**, i.é, de ANÚNCIO, DENÚNCIA e AÇÃO TRANSFORMADORA. O Religioso anuncia, denuncia e transforma pelo que é. Anúncio de uma Nova Sociedade, denúncia dos anti-valores da atual sociedade, e ação transformadora que gera uma Nova Sociedade.

4. A evangelização junto do Menor a partir do Ser Religioso

A Missão evangelizadora própria do Religioso junto ao Menor seria a de viver o PROFETISMO da Vida Religiosa anunciando pelo testemunho e a palavra uma Nova Sociedade, denunciando os anti-valores da atual, e comprometendo-se com o Menor na construção de uma Nova Sociedade, através de uma ação transformadora nas diversas obras ou me-

dições: Centros Comunitários, educador de rua, trabalho em favelas, cortiços, lares, creches, internatos, plantão, adoção, etc. que na prática se resumem em trabalho de Educação e Promoção Humana.

Em todo esse trabalho junto do Menor, a grande preocupação do Religioso será a de evangelizar, sobretudo através de seu SER, constituindo-se num "acontecer-evangelização-permanente". Sua palavra deverá ser ele mesmo. O Religioso evangeliza não tanto porque faz coisas ou mantém obras junto ao Menor, mas porque é, sendo ao mesmo tempo anúncio, denúncia e ação transformadora pelo seu modo de ser e de estar. Ele não é tanto um ser para a Missão, mas um **Ser-em-Missão**. O Carisma Congregacional é somente o modo de viver esse profetismo. Por isso não se pode confundir Vida Religiosa com um determinado Carisma Congregacional ou uma determinada obra. A Missão do Religioso é ser **"testemunha"** e **"profeta"** da santidade e não tanto um profissional da Pastoral ou da Educação, sem com isto incidir em dualismo. Sua Missão é a de ser **sinal**, e seu desafio é o de ser sinal no fazer. Por isso, qualquer pessoa pode substituí-lo no fazer, mas nunca no ser.

Como traduzir junto ao Menor essa missão sacramental da santidade? Vivendo o PROFETISMO em três dimensões: de Anúncio, de denúncia e de Ação Transformadora.

4.1 Anúncio Profético (Dimensão Kerigmática e Koinonial)

Essa dimensão se traduz pela vi-

vência comunitária de uma Consagração Religiosa como seguimento radical a Jesus Cristo, visualizando uma Comunidade-Testemunho dos valores do Reino: Oração contemplativa e comprometida pela escuta dos clamores do maior grito de Cristo no Menor; Comunidade fraterna que vai além das boas maneiras ou da simples observância, colocando em Cristo o fundamento do pensar, do sentir e do agir comunitários; pobreza que realmente traduza a atitude filial do Pai e a vivência de um coração de pobre que se abre aos outros; castidade como capacidade de disponibilidade e resposta às ânsias do povo, e que se entrega à transformação da sociedade e à realização do projeto de fraternidade e filiação de Jesus; obediência como escuta comunitária da realidade, das necessidades e aspirações dos menores, como resposta ao seu clamor, como voz de Cristo que quer cumprir a vontade do Pai, de salvação integral dos homens e de todos os homens.

4.2 Denúncia Profética (Dimensão exorcística)

Será vivida como protesto contra uma sociedade anti-evangélica, geradora do Menor e de sua situação de escândalo, à luz da Nova Sociedade que Cristo veio construir. Denúncia pela gratuidade e força espiritual da oração, da contemplação contra uma sociedade comerciante e sem silêncio para ouvir e acolher a Deus; denúncia contra uma sociedade do dinheiro, exploradora e consumista; denúncia contra uma sociedade egoísta, edonista e erotizada; de-

núncia contra uma sociedade sedenta de poder e dominação; denúncia contra uma sociedade violenta; desrespeitadora dos direitos humanos; denúncia contra uma sociedade calada, capciosa em seus negócios, amiga da mentira e da duplicidade.

4.3 Construção Profética (Dimensão utópica e diaconal)

Esta meta será alcançada pelo compromisso na construção de uma NOVA SOCIEDADE, criando as melhores condições para que o Menor se torne ator e autor de sua história e da história de seus irmãos.

Religiosos que trabalham com o MENOR :

a) Rever com honestidade as obras já existentes, à luz da missão profética e dos postulados de uma autêntica promoção humana e educação libertadora-evangelizadora.

b) Buscar as melhores mediações para atingir o menor onde está e como está, sobretudo frente ao número crescente de menores carentes, abandonados e infratores.

c) Lançar-se na política promocional e educacional do Menor, atingindo os organismos públicos de promoção social, de educação, de saúde e de trabalho, lutando pela reformulação das leis existentes e a elaboração e votação de outras, em defesa e promoção do Menor.

d) Denunciar os falsos profetas do Menor que o prejudicam com obras e leis paternalistas e/ou assistencia-

listas. Falsos profetas que o aliciam para que se envolva com intermediários em projetos alienantes, ou contra ele mesmo.

e) Mostrar pela prática, a ação transformadora e libertadora da religião quando apresentada e vivida de modo integral e não dualista ou alienante.

f) Viver e promover a integração de sua ação na Pastoral de conjunto da Igreja em favor do Menor, sobretudo pela união de forças entre as obras promovidas pelos demais religiosos e a Pastoral do Menor, seja Arquidiocesana ou Diocesana.

Tal será a caracterização da Missão evangelizadora do Religioso junto ao Menor, a partir de sua identidade na Igreja, conforme nos diz Puebla: **A Vida Religiosa, em seu conjunto, constitui a maneira específica de evangelizar, própria do Religioso**" (Puebla). O mesmo afirma João Paulo II: **"Apesar de serem sumamente importantes as obras às quais vos dedicais, entretanto a obra fundamental continua sendo sempre**

o que sois na Igreja" (Redemptionis donum, pág. 15).

Equipe de Reflexão da CRB-SP

Irmãs :

Maria Rosilene Parolin —
Imac. Coração de Maria

Auxiliadora de Almeida —
Salvatoriana

Araceli Luquesi —
Irmãs da Providência

Ruth Cardoso — Salesiana

Antonietta Fitipaldi —
Irmãzinhas da Imac. Conceição

Maria do R. Cintra — Salesiana

Libiana Dalsenter —
Irmãzinhas da Imac. Conceição.

Irmãos :

Afonso Faustino — Orionita

Joaquim Panini — Marista.

VISITANDINAS COMEMORAM

**375 anos de fundação da Visitação de Santa Maria,
por São Francisco de Sales e Santa Joana de Chantal
em Annecy e 70 anos em São Paulo.**

Ser Visitandina é viver uma espiritualidade atualizada, pós Concílio Vaticano II sem, no entanto, perder o elo com os objetivos dos Fundadores... Ser mansa e forte, corajosa e humilde, seguindo a Cristo no silêncio, na contemplação e sobretudo buscando a prioridade de Deus sobre todas as coisas, tornando-se assim, voluntariamente disponíveis em suas mãos.

O Mosteiro funciona como um centro onde os problemas, as angústias, as tensões possam encontrar uma acolhida na oração das irmãs que revelam ao mundo esse grande "Mistério do Deus Escondido e Misericordioso" preservando valores ameaçados de todos os lados...

Ser Visitandina é pertencer a uma comunidade que cresce na oração, na partilha, na comunhão fraterna, na seriedade dos objetivos e também na alegria dos filhos de Deus embora, na força e na fragilidade inerentes à própria condição humana...

Ser Visitandina é se "retirar" do mundo conservando, no entanto, toda a atualização possível, permanente em relação aos grandes problemas do nosso tempo mas sobretudo aberta a todos aqueles que concretamente a procurem. É uma opção livre e amadurecida que a jovem to-

mará depois de muita reflexão e estudo nos períodos da Formação inicial.

As Visitandinas partilham sua solidão com as religiosas, senhoras e jovens, desejosas de se retirar durante alguns dias da vida trepidante e agitada de nosso mundo atual, para se refazer espiritualmente, descansar em Deus, aprofundar sua fé ou orientar seu futuro...

São Francisco de Sales, humanista do século XVII, de grande amplitude pastoral e apostólica, bispo de Genebra, Doutor da Igreja, padroeiro dos jornalistas, santo do equilíbrio, do sorriso e da alegria e Santa Joana Francisca de Chantal, mulher forte no sentido das Escrituras, em todos os estados, jovem, esposa, mãe, viúva e religiosa, se aliaram no amor de Cristo para fundar uma Ordem em 1610, na França.

Neste ano de 1985 portanto, a Visitação está comemorando o seu 375.º aniversário de Fundação.

O projeto da Ordem é que as Irmãs sejam como Maria no mistério oculto da Visitação, em grande união com o Senhor e em seu recolhimento, capazes de ser um testemunho de amor para o mundo.

A Visitação chegou ao Brasil no começo do século, tendo sido o primeiro Mosteiro em Pouso Alegre, Minas Gerais. Em 1915, há 70 anos atrás, foi transferido para São Paulo por iniciativa de Anésia Prado Pacheco Chaves (Nesita) que um ano depois professaria recebendo o nome de Irmã Maria Luiza. Como um exemplo entre tantos outros de vida visitandina podemos salientar o seu perfil. De família aristocrática, vivendo num mundo requintado de excessivo conforto material, só aos dezanove anos se aproxima verdadeiramente da religião de que sua família, embora de tradição católica, não cultivava a práxis cristã autêntica. Conhece D. Duarte Leopoldo e Silva na Igreja de Santa Cecília e se aproxima dos sacramentos.

Resolve empregar a fortuna herdada de seu pai, na construção do Convento de São Paulo, e vai à França para beber o espírito da Ordem. Com seus bens doou também o seu ser para a vida oculta e humilde das filhas de São Francisco de Sales.

Como religiosa dedicou-se à Comunidade em diversos cargos, entre

eles: Conselheira, Econômica e Assistente. Animava sua vida interior uma íntima devoção ao Sagrado Coração de Jesus, presente na Eucaristia que lhe dava impressionante força nas horas difíceis. A pobreza e a austeridade de sua virtuosa vida foram um testemunho edificante para quantos a conheceram.

Viveu pela Igreja, por suas Irmãs, atenta aos apelos da caridade, sem esquecer seus Familiares "envoltos em hábitos luxuosos".

São suas essas palavras que traduzem bem o sentido da sua vida no Mosteiro de cujos objetivos ela procurou viver em profundidade.

"Humildade... Humildade... Eu tudo temo de minha fraqueza, mas tudo espero de Vossa Bondade, meu Deus, coração de Amor."

**Madre Francisca de
Sales Mascarenhas**
Mosteiro da Visitação
Rua D. Inácia Uchoa, 208 —
Vila Mariana
04110 SÃO PAULO — SP.

MADRE TERESA DE JESUS GERHARDINGER

Fundadora das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, será beatificada no dia 17/11/85.

Carolina Gerhardinger nasceu em Stadtamhof, pequena cidade junto ao Danúbio, na Baviera, em 1797.

Formou-se professora na Escola Real Feminina de Stadtamhof em 1812, e aí permaneceu como professora até 1833. Já desde 1822 Carolina expressa o desejo de se tornar religiosa, ao Bispo Miguel Wittman, o qual a orienta durante muitos anos. Carolina passa a vida em comunidade com mais duas companheiras.

No dia 24 de outubro de 1833 é fundada a Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, quando Carolina e as duas companheiras iniciam a vida religiosa no convento de Neunburg vorm Wald.

No dia 15 de novembro de 1835 Carolina pronuncia seus votos e toma o nome de Maria Teresa de Jesus.

A Congregação expandiu-se rapidamente. Em 1847 as Irmãs chegam na América do Norte e em vários países da Europa.

Em 1879 Madre Teresa de Jesus falece, e a Congregação já contava com 2.310 Irmãs.

A Congregação foi fundada para dedicar-se à educação da juventude,

na época, especialmente da juventude feminina.

Madre Teresa de Jesus foi uma mulher cuja busca persistente da vontade de Deus era marcada por uma profunda confiança na Divina Providência e na prontidão para viver as palavras de Maria:

"Fazei o que Ele vos disser."

Uma mulher cujo testamento e ordem às suas Irmãs é a construção da UNIDADE.

Uma mulher cheia de zelo: — fundou 300 comunidades em 48 anos de Vida Religiosa.

Esta mulher de fé fundamentou a Congregação na Eucaristia, na Pobreza, tendo como objetivo primordial a construção da Unidade. Consagrou a Congregação a Maria.

Respondeu às necessidades urgentes de sua época, preferindo os pobres e educando com zelo incansável, numa perspectiva de grande abertura aos desafios da época.

Hoje, fiéis ao carisma de Madre Teresa, procuramos ser educadoras em tudo o que somos e fazemos.

Para nós, educar significa tornar as pessoas capazes de alcançar a plenitude de seu potencial como seres criados à imagem de Deus. Nossa função consiste em assistir aos educandos para que orientem seus dons no sentido de humanizar a terra.

Madre Tereza de Jesus reitera muitas vezes seus conselhos educacionais: "A luz e a unção do Espírito Santo são necessários àqueles que educam a juventude para uma vida cristã. Quem quiser iluminar, deve ser uma luz. O semeador não sai ao campo de mãos vazias".

(...) "Os educandos devem encontrar em seus educadores o modelo de virtudes humanas na sua for-

ma mais atraente, genuína e amável."

Madre Teresa, em sua vida encontrou o sofrimento sob os mais variados matizes: resistência, de setores da Igreja, à aprovação de sua constituição e à forma de governo central que propunha. Sofrimento pelas companheiras que a abandonaram; sofrimento pelas incompreensões sucessivas... mas ela não desanimava e refletia constantemente, no pensamento que lhe servia de lema:

"TODAS AS OBRAS DE DEUS CRESCEM DEVAGAR E NO SOFRIMENTO; MAS ASSIM SE TORNARÃO MAIS SÓLIDAS, E FLORESCERÃO COM MAIOR MAGNIFICÊNCIA."

Irmã Libera Mezzari

A CONGREGAÇÃO DAS ESCRAVAS DO DIVINO CORAÇÃO CELEBRA O CENTENÁRIO DE SUA FUNDAÇÃO

A Congregação das Escravas do Divino Coração foi fundada pelo Cardeal Arcebispo D. Marcelo Spínola e a Madre Maria Teresa, na cidade de Cória (Espanha) no dia 26 de julho de 1885.

Marcelo Spínola, estudou Direito e exerceu a advocacia com verdadeiro espírito evangélico. Isto o preparou para ouvir a voz de Deus que o chamou para outra missão: a de sacerdote. Com fidelidade e autêntica santidade trabalhou nos diferentes cargos de sacerdote, bispo auxiliar, arcebispo e cardeal. Sua vida sacerdotal foi uma existência totalmente consagrada à causa de Deus no serviço pastoral de seus irmãos. Destacou-se como pregador eloquente, como escritor fecundíssimo, como pastor amante dos sacerdotes, como amigo caridoso dos mais necessitados. O seu inesgotável zelo apostólico nascia de um profundo amor a Jesus Cristo, no mistério de seu coração, centro de sua vida e sentido de toda sua existência. Por seu grande amor à Igreja, desejou abrir-lhe novos caminhos. Nesta perspectiva, e consciente do valor da educação, nas vertentes apostólica e social, fundou a Congregação a que infundiu sua mesma espiritualidade, dedicando-a ao labor educativo. O Papa João Paulo II declarou VENERÁVEL a Marcelo Spínola pelo Decreto que proclamou suas Virtu-

des Heróicas, no dia 24 de setembro, de 1983.

A M. Maria Teresa, em sua humildade, considera-se indigna de ser chamada Fundadora, mas foi realmente quem em primeiro lugar encarnou o ideal de D. Marcelo e quem, vivendo profundamente sua espiritualidade, deu vida à Congregação que dirigiu até a morte, ocorrida em 1908. Todos os seus escritos revelam verdadeiro espírito de Escrava do Divino Coração, imitando a atitude de Maria ao pronunciar seu "Fiat", não deixando de superar qualquer obstáculo que se interpusesse ao fiel cumprimento da vontade divina a qual amava entranhavelmente, o que expressava com sua frase favorita: "Vontade de meu Deus, eu te amo!".

Respondendo a esta intuição carismática, as Escravas se propõem a glorificação do Coração de Cristo em uma entrega total e absoluta, à semelhança de Maria que se declarou "Escrava do Senhor" (Lc. 1,38).

Uma das características da Congregação é unir a uma profunda vida de oração uma intensa atividade apostólica. Sua Missão na Igreja fica bem definida nos artigos 63 e 64 das Constituições:

"A natureza apostólica de nosso

Instituto nos destina especialmente à obra da evangelização que, para nós, Escravas, seguindo a linha traçada pelos Fundadores, consiste em comunicar aos homens o amor pessoal de Cristo no apostolado da educação. Por isto é importante que atuemos convictas de que nosso trabalho educativo não é só profissional e humano, senão essencialmente apostólico. Deve brotar da caridade e estar vivificado por ela.

“Entendemos a Educação no sentido que a expressa a Igreja: ajudar ao desenvolvimento harmônico do homem para fazê-lo consciente de sua dignidade de filho de Deus e conseguir da humanidade uma autêntica fraternidade (Cf. G.E.I.).

“Desta forma, a educação se converte em glória de Deus, já que, quanto fazamos para que o homem chegue a ser responsável e artífice de seu próprio destino, é verdadeira glorificação de Deus.”

Ao completar o Centenário, a Congregação se encontra estendida pelos seguintes países: Espanha, Itália, Brasil, Argentina, Paraguai, Equador, Venezuela, Japão e Filipinas.

As primeiras religiosas da Congregação chegaram ao Brasil no ano 1913. A Casa Provincial encontra-se no Rio de Janeiro (Estrada da Gávea, 50), onde funciona também o Colégio São Marcelo. Em Volta Redonda (RJ) uma comunidade exerce seu apostolado no Colégio Nossa Senhora do Rosário e outro pequeno grupo de irmãs trabalha e reside no Bairro de Califórnia, na periferia da cidade.

No Estado de Goiás as Escravas do

Divino Coração estão bem encarnadas na realidade dos Colégios Estaduais, onde realizam sua missão com a juventude mais necessitada: Dianópolis, Goianésia e Piracanjuba. Também em Bela Vista uma comunidade exerce diversos trabalhos apostólicos, além dos Colégios e sobretudo na Paróquia, o que tampouco é esquecido nas outras comunidades, onde sempre há alguma irmã que dá maior atenção aos mais carentes e à catequese paroquial.

As Casas de Formação estão assim localizadas: O Postulantado em Goiânia, o Noviciado no Rio (Botafogo), e o Juniorado em Volta Redonda (RJ).

Durante este I Centenário de sua existência, a Congregação se empenhou em ser fiel ao Carisma recebido, participando da Missão única da Igreja: a salvação dos homens em Cristo.

Que o Espírito Santo continue a vivificar a Congregação e lhe ajude a realizar o que o Cardeal Pironio recomendou no Decreto de aprovação das Constituições, (15-10-82):

“As Escravas do Divino Coração, fiéis ao carisma da própria Congregação, vivam gozosamente e com generosidade sua total consagração a Deus e sua missão educativa”.

Que este gozo e doação generosa revertam em benefício da juventude e do povo latino-americano é o que desejamos ardentemente, as atuais religiosas que formamos a Província Brasileira, na passagem do Centenário Congregacional.

UM PERFIL DE MULHER:

ELISA ANDREOLI

Fundadora das Servas de Maria Reparadoras

Queremos nós, Servas de Maria Reparadoras (SMR), comunicar a experiência de vida e missão recebidas como legado espiritual de nossa fundadora, ELISA ANDREOLI, por ocasião da celebração dos 50 anos de seu DIES NATALIS.

1. A nossa proposta

É com alegria e esperança que constatamos o nascer de um "modo novo" de viver a vida cristã, de ser Igreja, Povo de Deus, no nosso continente. Isso levou a vida religiosa a também encarnar seu carisma originário de "modo novo". Esta experiência funda suas raízes na Tradição autêntica da Igreja dos tempos apostólicos e das Ordens religiosas que marcaram época na história da espiritualidade cristã.

Nessa Tradição estamos colocadas nós, Servas de Maria Reparadoras (SMR), que nos inspiramos desde as origens, na vida e espiritualidade da Ordem dos Servos de Maria (cf. Const. SMR., n.º 1). "Movidas pelo Espírito, nós nos comprometemos, como os primeiros Pais da Ordem, como madre Elisa, nossa fundadora e as primeiras irmãs, a testemunhar o Evangelho em comunhão fraterna, e

a colocar-nos a serviço de Deus e dos homens, inspirando-nos constantemente em Maria, Mãe e Serva do Senhor" (Const. SMR., n.º 2).

"A nossa espiritualidade e nosso compromisso de trabalho, vividos em comunhão fraterna e em obediência filial ao Pai, se manifestam no louvor orante e contemplativo, no anúncio alegre e libertador da mensagem evangélica, na compreensão e alívio dos sofrimentos humanos, na participação ativa na vida da Igreja" (Const. SMR., n.º 9). Na meditação constante da paixão de Jesus e das dores de Maria, madre Elisa prepara sua pequena Congregação a acolher a Obra de Reparação mariana, como "um dos elementos constitutivos da espiritualidade da Congregação" (Const. SMR., n.º 8).

Os textos das nossas Constituições nos deixam penetrar o propósito originário da fundadora, Elisa Andreoli, codificado no texto constitucional aprovado em 1982, e manifestado na vida de cada uma de nós, seja como missão própria da nossa vocação, seja como carisma que, para encarnar-se, passa pela fraternidade da SMR que se faz serviço a Deus e a todo irmão necessitado.

2. Para uma leitura do nosso carisma a partir da experiência

Algumas respostas dadas pelas irmãs de todas as províncias, em 1984, a questões ligadas à reflexão teológica sobre a nossa identidade, são testemunhos que nos dão uma idéia mais concreta da presença do Espírito Santo que evangeliza a todos com sua riqueza multiforme, servindo-se de homens e mulheres chamados por Deus para uma missão específica na Igreja e no mundo.

“Para poder encarnar o nosso carisma onde vivemos, é necessário antes de tudo, conhecê-lo para podermos traduzir na nossa vida, os gestos que Cristo fez no seu tempo [...]. Andar pelos mesmos varadouros que Ele andou, a fim de libertar o povo [...]. É continuar a presença de Maria na vida da Igreja e do povo.

“Esta caminhada é fortemente comunitária. Por isso sempre me pergunto: Quais são as cruces maiores (e as causas) que afligem esse povo? Como Maria se colocaria nesta Igreja e nesta realidade? O que significa redenção-reconciliação, concretamente, num país dependente como o nosso?”

“Para encarnar o nosso carisma procuro viver a mística do Magnificat e servir como Maria serviu. Sofro ao ver que em muitas casas falta o pão de cada dia e as pessoas se alimentam com farinha de mandioca. Passa o apetite sabendo que ao meu lado há gente desempregada e que não come porque não tem [...]. Como nunca, a SMR hoje deve viver os va-

lores das primeiras comunidades apostólicas, aceitar de morrer, ter paciência histórica, irradiar paz, perdão e esperança.”

É dentro desta dinâmica de vida que estamos tentando uma “aclimação”, neste continente, da intuição originária de madre Elisa. Dela aprendemos o valor da vida fraterna (=solidariedade) ampla e aberta a todos. De sua sensibilidade em ouvir a voz do Espírito nos acontecimentos, nas situações e no povo, aprendemos a descobrir a vontade de Deus na realidade de hoje. Com a mesma liberdade de espírito assumimos os serviços apostólicos que respondem às exigências vivas da Igreja (cf. Const., p. 11).

3. No transfundo: ELISA ANDREOLI (1861-1935).

Queremos dar algumas informações sobre a mulher a quem Deus chamou para uma missão na Igreja, ELISA ANDREOLI, fundadora de um “ínfimo instituto”, como costumava chamá-lo, com estilo próprio de viver a espiritualidade servitana como fraternidade que se faz serviço inspirado em Maria.

Elisa nasceu na Itália, província de Vicenza, na pequena cidade de Agugliaro, em 1861. Era filha única do casal Margarida Ferraretto e Marco Andreoli. Desde criança foi privada da figura do pai, sendo educada somente pela mãe que não poupou sacrifícios para que a filha tivesse a melhor e mais completa formação. Por esse motivo, Margarida confiou-a

às Irmãs Canossianas de Veneza. Na escola destas irmãs, Elisa fez toda sua primeira formação. Terminados os estudos, Elisa começa uma longa experiência de busca, na fé, da vontade de Deus, primeiramente sozinha e depois junto com sua mãe.

As duas freqüentavam a Ordem Terceira Secular dos Servos de Maria, de Monte Bérico — Vicenza — santuário dedicado a Nossa Senhora, onde encontravam consolo e obtinham luzes especiais (cf. **Sillogé**, p. 406), na dura caminhada que tiveram de fazer e que só se esclareceu bem mais tarde. Junto ao santuário de Monte Bérico, e em contato com os Servos de Maria, tiveram a oportunidade de experimentar mais de perto a espiritualidade servitana.

Desde 1892, Elisa, sua mãe e mais duas companheiras, buscaram traduzir na própria vida e inspiração que as quatro acalentavam dentro de si, vivendo-a como expressão da vontade de Deus: a de viverem, como consagradas ao Senhor e no serviço filial à Mãe de Deus, a rica espiritualidade da antiga Ordem dos Servos de Maria. Isso se deu de maneira decisiva em 1896. Nesta decisão, a mãe de Elisa, madre Margarida, teve um papel muito significativo. Este fato se deu em Vidor (Treviso), considerada berço da nossa família religiosa.

A partir deste momento, o pequeno grupo das quatro começa a viver em comunidade, os valores que sentiam estarem de acordo com a inspiração de todas. Um forte vínculo espiritual as une à Ordem dos Servos

de Maria (OSM). A eles se dirigem para adotar a Regra de Santo Agostinho e buscam, junto ao geral da época, frei André M. Corrado, a primeira elaboração das Constituições.

4. Herança espiritual que Elisa nos deixou

O longo caminho percorrido por madre Elisa era conduzido pela Providência. Em um primeiro momento, Elisa fez uma autêntica experiência de encontro com o Senhor, cuja presença descobre e experimenta no âmbito da espiritualidade servitana. Por isso Elisa se propõe seguir uma Regra e criar um estilo de vida que lhe favoreçam a continuidade desta experiência profunda. Insiste em ser formalmente unida à OSM, porque a riqueza espiritual desta, bate com o dom que, segundo ela, o Senhor lhe fez: o de fundar na Igreja, uma família religiosa cujos membros partem de uma profunda experiência de Deus na própria vida, experiência centrada na compaixão das dores Jesus e de Maria, para uma ação apostólica destinada a todos. Esta experiência é continuamente atualizada pelo Espírito, numa fraternidade.

Para nós, são estes os traços fundamentais da espiritualidade que madre Elisa quis nos comunicar, para levarmos à perfeição a vida de caridade. Acreditamos que a nossa vocação-missão se situa no centro desta dinâmica espiritual que dá a toda atividade da SMR, o sentido primeiro de sua vocação.

5. Momentos de graça que ajudaram a explicitar o dom de madre Elisa

Momentos de graça que foram acontecimentos determinantes na vida do nascente Instituto :

O primeiro se deu em 12 de julho de 1900, quando o grupo das quatro fizeram profissão religiosa como terciárias dos Servos de Maria. Nesta data celebramos o aniversário natalício da Congregação.

O segundo se deu em 1903, quando o bispo de Adria, D. Antônio Polin, aprovou as Constituições e instituiu canonicamente o pequeno grupo em família religiosa.

Depois de longos dezessete anos de insistência e de espera, madre Elisa viu realizada a sua aspiração: unir-se formalmente à OSM. Este fato se deu em 1910, através de decreto do prior geral, frei Giuseppe M. Lucchesi.

No ano seguinte, madre Elisa abriu seu coração e seus braços para acolher a Obra Reparação Mariana, à qual Maria Inglese, terciária dos Servos, mais tarde madre Dolores, deu particular im-

pulso, tanto na Igreja como na Congregação. A reparação mariana se torna assim, um elemento constitutivo do nosso carisma.

— Finalmente, em 1921, madre Elisa, com entusiasmo, acolhe o convite que lhe vem da Ordem dos Servos de Maria, de abrir-se para as missões do Brasil, especificamente do Acre (início em Sena Madureira).

— Para corroborar a caminhada de fé madre Elisa e suas primeiras seguidoras, a Santa Sé, em 1931 deu ao Instituto a primeira aprovação, e em 1941 a definitiva.

Concluindo :

Hoje, somos 83 fraternidades espalhadas nos continentes da África, da América Latina e da Europa. No nosso caminho para Cristo, e no empenho de comunicá-Lo a todos, nos abrimos à "pluralidade de formas de vida e de serviço", para sermos na Igreja, Povo de Deus, como Maria, uma presença de "humilde serviço e de generosa reparação mariana".

Maria Lina Boff smr
Rio Branco — Acre

A VIDA SEGUNDO O ESPÍRITO

Víctor Codina

1. HISTÓRIA DA ESPIRITUALIDADE

A complexa e confusa situação atual da espiritualidade cristã, tão necessitada de uma ampla revisão e reformulação, só é compreensível à luz dos processos históricos pelos quais passou o povo cristão.

A Escritura não fala de espiritualidade, mas de vida segundo o Espírito, esse Espírito que desde o Gênesis fecunda a criação e a história (Gn 1-2), que falou através dos profetas, e que Jesus nos comunica com abundância (Jo 3,34). Esse Espírito que guiou toda a vida de Jesus desde seu nascimento, do seio de Maria (Lc 1,35), é quem faz nascer a Igreja na Páscoa (At 2), e conduz a Igreja para a consumação escatológica. Esse Espírito é inseparável de Jesus e de sua vida concreta, e foi derramado sobre toda a carne para conduzir os homens e a criação inteira à liberdade total da filiação e da fraternidade. É esse Espírito que geme através dos suspiros da criação escravizada, e seu clamor é um anelo de redenção e libertação (Rom. 8). Tudo está animado pelo Espírito, menos o pecado, que a Escritura chama de "Sarx": "carne" (de pecado).

A Igreja primitiva e patrística, apesar de seus defeitos e limitações, vivia esta integração bíblica entre Espírito e vida. Estava tão convencida de que a vida cristã era uma vida segundo o Espírito, que a divindade do

Espírito foi defendida acerrimamente pela práxis cristã: — Como podemos nós cristãos, viver a vida nova de Jesus, se o Espírito não é Deus? A espiritualidade era algo de integral que incluía a história da salvação, a Escritura, a liturgia, a teologia, a pastoral e a moral. Basta ler as catequeses batismais dos Padres da Igreja (Ambrósio, Crisóstomo, etc.), para certificar-se da profunda unidade existente entre espiritualidade e vida. O sujeito da espiritualidade é o Povo de Deus, a comunidade cristã em seu conjunto, na qual os pobres e os simples ocupam um lugar preferencial. O povo, nutrido pela Escritura, participava da liturgia, orava, vivia a dimensão comunitária e dava testemunho de sua fé, até o derramamento do sangue. Os pastores da Igreja integravam a teologia e a santidade numa síntese que simbolizava essa vida segundo o Espírito e centrada no mistério do Cristo total. A doutrina patrística e medieval dos "quatro sentidos da Escritura" (histórico, alegórico, tropológico e anagógico), unia Bíblia, dogma, moral, espiritualidade e escatologia numa síntese perfeitamente entrosada, como o demonstraram os estudos de H. de Lubac.

Esta unidade rompe-se nos séculos XI e XII, quando a eclesiologia de comunhão se converte em eclesiologia de poder, na época em que o Ori-

ente se desgarrar do tronco ocidental. Os sentidos da Escritura se dispersam. A teologia se desgarrar da Escritura e se torna escolástica. A dimensão moral, também separada da Bíblia, se converte em normativa, de preceitos necessários para a salvação. A espiritualidade alienada da teologia, da moral e da escatologia coletiva centra-se na busca da perfeição individual, através da contemplação: interioriza-se, privatiza-se cada vez mais, alienando-se das tarefas comunitárias e públicas, e encerrando-se no cultivo da devoção interna, a "vida interior". As escolas de espiritualidade discutem sobre os graus de contemplação e os estados místicos. Enquanto uma minoria aristocrática de clérigos, monges e religiosos, e um ou outro secular qualificado, se entrega à contemplação e à experiência espiritual, a grande massa do povo vai se afastando das fontes da espiritualidade (Bíblia, liturgia, teologia, moral...), e se entrega a uma religiosidade popular, mais cósmica que histórica, mais ingênua que culta, sujeita a todo tipo de desvios e erros, mas conservando o sentido comunitário da fé e o sentido solidário da vida, através de suas festas, procissões, romarias, peregrinações e devoções patronais e às vezes surgindo em forma de revolução milenarista.

Apesar de todos os esforços que se fizeram para tornar o povo sujeito da espiritualidade da Igreja (movimentos laicais, proféticos, comunitários, reformadores), a espiritualidade cristã ficou para minorias seletas, procurou mais o cultivo da beleza interior da alma do que as di-

mensões públicas, e raramente foi popular.

Este rápido esboço histórico que, numa história detalhada ganharia em matizes e contornos, permite-nos avaliar o grande passo dado pelo Vaticano II ao integrar novamente a espiritualidade à Palavra de Deus (Dei Verbum), à liturgia (Sacrosanctum Concilium), e à Igreja como povo de Deus em marcha para a escatologia, e afirmando que todo o batizado está chamado à santidade (Lumen Gentium, cap. V) e, finalmente, ao imprimir nesta espiritualidade o sentido do diálogo e do serviço ao mundo (Gaudium et Spes).

Mas o Vaticano II não pôde atender aos setores mais populares, ao mundo dos pobres e oprimidos, ao setor do povo que a Bíblia chama "ojlos" (multidão), ao qual Jesus se dirigia de preferência (v. gr. Mt 9,36). Após o Concílio, e apesar de todos os esforços de renovação, o povo simples não teve especial acesso à espiritualidade conciliar, nem compreendeu muitas das reformas efetuadas "para seu bem", mas sem sua intervenção ativa. Pelo contrário: — certas reformas do Concílio, levadas a termo por pastores excessivamente seculares e racionalistas, chocaram-se com a sensibilidade popular. No post-concílio, os setores de vanguarda dividiram-se em dois grupos: os que buscam o misticismo da revolução e os que se lançam ao misticismo do êxtase e a fusão oriental.

É dos setores oprimidos e pobres que está surgindo atualmente algo de novo que integra espiritualidade e

vida: dos movimentos cristãos operários e populares, das comunidades cristãs de base, do grupo de sacerdotes e religiosos do mundo operário, das Igrejas do Terceiro Mundo, de pastores latino-americanos que escutam o clamor do povo, através dos novos mártires da fé e da justi-

ça. Do selo do povo surge a espiritualidade do clamor dos pobres por sua libertação. A partir daí é possível recuperar e reformular a espiritualidade cristã em suas dimensões básicas: Experiência de Deus, oração, práxis cristã, discernimento espiritual...

2. EXPERIÊNCIA DE DEUS

Tanto o jovem que vai em busca dos "gurus" orientais, como o membro de um movimento carismático, ou aquele que, no silêncio da noite natalina, procura sentir a graça de Jesus na solidão de seu coração, todos buscam a Deus. Mas o Deus bíblico se nos revelou através de uma história de salvação, e concretamente através de Jesus. E embora toda experiência autenticamente espiritual tenha uma estrutura psico-religiosa permanente, entretanto, a experiência cristã possui notas que a tornam irreduzível a outras experiências religiosas. A experiência cristã nasce originariamente da experiência espiritual de Jesus de Nazaré, que nos revela, com sua vida e sua palavra, o mistério de Deus Pai. De Jesus sabemos pelos Evangelhos, especialmente por Lucas, que orava com frequência ao Pai. Porém, além deste fundo de constante prece, possuímos o testemunho de alguns momentos especialmente densos de sua vida e de sua experiência: a teofania que segue o Batismo (Mc 1,10-11), a exultação messiânica ante a revelação feita aos pequenos (Mt 11,25-27), a experiência que, desde a Ceia, se prolonga pela noite da Paixão e culmina com o lancinante

grito de abandono e confiança filial na Cruz (Lc 22,14-23,46). Pois bem, essas experiências espirituais de Jesus não podem ser desligadas do seu contexto histórico: a opção de solidariedade com os pobres e os pecadores (Batismo), o júbilo por ter Deus escolhido os pobres para herdeiros do Reino (exultação messiânica), a fidelidade à sua ação libertadora e solidária que o leva à excomunhão, maldição e marginalização na morte (Paixão e Cruz). Jesus experimenta a Deus como Pai na medida em que Ele mesmo se identifica com os pobres, e ressuscita para a nova vida justamente no momento de máxima solidariedade com eles. O Deus de Jesus é o Deus dos pobres, e isto significa que só podemos captar a Deus como Pai, se vivermos esta solidariedade. Ao descobrimento teológico-bíblico de que Deus (Theos), no Novo Testamento, significa Pai dever-se-ia acrescentar que esta paternidade se experimenta a partir da solidariedade com os pobres, tal como o próprio Jesus o experimentou. Não é o Deus longínquo, nem o Deus universal e equânime, mas o Deus que faz acepção de pessoas, porém, baseado em critério contrário ao do homem: privilegian-

do ao pobre cujo clamor escuta compassivo.

Partindo deste pressuposto bíblico, podemos afirmar que uma experiência de Deus à margem da solidariedade, não pode ser autenticamente cristã, por mais religiosa que pareça. A transcendência do Deus bíblico se capta, não através da pura metafísica (cosmológica, psicológica, social...) mas através da forma kenótica do pobre que reproduz historicamente a imagem de Jesus crucificado. Por isso, a solidariedade não é algo de puramente ético, porém, cristológico: uma experiência de identificação com Jesus e com seus senti-

mentos (Flp 2), suscitada pelo Espírito. A experiência da solidariedade é, em última análise, uma participação no dinamismo trinitário do Pai em favor dos crucificados do mundo, a quem salva pela força do Espírito, estendendo assim à história humana o amor misterioso da Comunidade Trinitária, toda ela comunhão solidária. Entre o plano de Deus — o Reino — e a experiência de Deus como Pai, existe íntima conexão: Jesus nos revela que Deus é Abba, e que o Reino é dos pobres. Ou, dito de outra forma, o Deus do Novo Testamento é o Pai que escuta o clamor dos pobres e os salva.

3. ORAÇÃO

Desde os primeiros séculos, a vida de oração cristã, profundamente enraizada na tradição histórica judeo-cristã, viu-se ameaçada por um espiritualismo de cunho helênico e oriental que considerava a oração como um processo de alienação do mundo para, deste modo, poder chegar mais facilmente a Deus. O Homem só, frente a Deus, à margem dos demais e da história, parecia o ideal cristão da espiritualidade, privilegiando perigosamente a contemplação sobre a caridade. A mística do Evagrio Pôntico, mais platônica que cristã, poderia exemplificar esta constante tentação.

Não vamos entrar aqui na longa história das relações entre ação e contemplação, práxis e teoria, que através dos séculos vai achando diferentes formas de articulação (o "ora et labora" monástico, o "con-

templata aliis tradere" tomista, o "in actione contemplativus" ignaciano...). Digamos apenas que, se a oração se separa do contexto global da vida cristã, pode degenerar nas piores ilusões e alienações. Porém, para sermos mais concretos, podemos estabelecer as seguintes afirmações a respeito da relação entre oração e solidariedade:

a) **A solidariedade com os pobres é o pressuposto de qualquer oração.** A oração não é um ato isolado mas integra-se na vida real da qual é expressão. E se nossa vida está marcada pela falta de solidariedade e pela injustiça, em vão pretendemos chamar a Deus de Pai sem uma prévia conversão ou metanóia. Por isso, devemos nos perguntar a partir de que solidariedade ou compromissos nossa oração se eleva ao Senhor. Não bastam as técnicas de concen-

tração, nem as mais modernas teorias teológicas, nem os lugares silenciosos e cercados de paisagens encantadoras. Nosso Deus é o do Batismo de Jesus, aquele que se revela aos pobres, o Deus da cruz. Por isso, se acham em melhores condições de orar os pobres que vivem a solidariedade do que os poderosos que, possuindo tempo, cultura e métodos, vivem em situação de injustiça. É o tema bíblico de que o conhecimento de Deus é experiencial e, se não se vive de acordo com o Deus solidário, não é possível conhecer a Deus (Jer 9,23), como não o pôde conhecer o Faraó (Ex 5,2), nem puderam conhecê-lo os povos que oprimiam Israel (Jer 10,25), nem os que praticam a injustiça e o engano (Os 4,1-2). Deus rechaça o culto que nasce da injustiça (Is 1,11-17; Mt 5,23-24).

b) A solidariedade com os pobres, como encontro com o Senhor. Esta afirmação, baseada na unidade teológica entre o amor a Deus e amor aos irmãos, faz do encontro com o pobre, uma experiência espiritual. Conhecer experimentalmente a Deus supõe, para o Antigo Testamento, praticar a justiça e o direito, defender a causa do pobre e do indigente (Jer 22,13-16). No Novo Testamento é amar ao irmão (1Jo 3,17), e acolher o pobre (Mt 25,34-36). O Deus bíblico não manifesta sua alteridade e transcendência de modo majestático, mas através da pobreza kenótica do outro. Presença misteriosa e oculta, porém real, tão real que constitui um "test" escatológico final: — Cristo estava no pobre que acolhemos ou rechaçamos. Muitos de nossos contemporâneos não-cristãos

participam desta experiência espiritual. Mas onde eles falam de Justiça, de liberdade e solidariedade, nós colocamos as palavras "Jesus" e "Reino" ... (P. Casaldáliga).

c) A ORAÇÃO É UM MOMENTO NECESSÁRIO DA SOLIDARIEDADE.

Precisamente porque nossa solidariedade é o prolongamento daquela que Jesus teve para conosco, é necessário experimentar o dom gratuito da comunhão com o Senhor, de sua chamada ao Reino, de sua cruz e ressurreição, como promessa imarcescível, em meio à luta cotidiana, de que a utopia é possível.

O cristão sabe que seus fracassos não são nunca a última palavra e que, tudo quanto se sua e se sofre pelo Reino, chegará um dia a dar fruto. A tentação de desânimo, e o perigo de cair no fanatismo do tipo milenarista, somente se curam recorrendo humilde e confiadamente à oração, a fim de experimentar que tudo é graça e que a graça cura de qualquer engano. O Pai Nosso recopila as atividades fundamentais do Reino, como, por exemplo, a petição que venha a nós um Reino que é de Deus.

d) A SOLIDARIEDADE COMO FRUTO DA ORAÇÃO

Devemos sair da oração mais sensibilizados para com o irmão, e mais impregnados do estilo evangélico da práxis: — respeito às pessoas acima das ideologias; reconhecimento dos valores superiores à mera eficácia;

paciência ante as adversidades; esperança a toda a prova; opção preferencial pelos pobres; etc.

Todas essas afirmações nada mais são do que algo que já se começa

a viver. E é precisamente o povo simples que, de um modo intuitivo, vai percorrendo este caminho evangélico. Não foi esta a oração de Maria, a Mãe de Jesus? Não foi esta a oração do próprio Jesus?

4. MORAL

A moral clássica, que separava moral e espiritualidade, deixando a moral para as massas e a espiritualidade para uma "elite" de perfeitos, sucedeu uma visão mais bíblica: — todo o cristão é chamado à plenitude da vida cristã (Lumen Gentium cap. V). No Decreto conciliar sobre a formação sacerdotal, esboça-se a nova figura da teologia moral:

"Ponha-se especial cuidado em aperfeiçoar a teologia moral, cuja explicação científica, mais penetrada da Sagrada Escritura, explique a grandeza da vocação dos fiéis em Cristo e sua obrigação de produzir frutos na caridade e pela vida do mundo" (Optatum totius, 16).

Acena-se para uma moral bíblica, centrada nas exigências do seguimento de Cristo, orientada para os frutos para a vida do mundo, e baseada na caridade. Fica para trás a moral do Casuísmo legal e de preceitos, à margem da história da salvação que olvidava que os mesmos mandamentos do Antigo Testamento vêm precedidos da recordação da libertação do Egito: "Eu, Yahvé, sou teu Deus que te livrou do país do Egito, da casa da escravidão" (Ex 20,2; Dt 5,6). A moral da lei sucede agora a moral das bem-aventuranças.

Mas convém não esquecer que as bem-aventuranças se dirigem aos pobres e a todos os que se solidarizam com eles em vista de um mundo novo. Da moral baseada na ética existencialista e abstrata passa-se agora a uma moral existencial, convencida da irredutibilidade da existência pessoal e da necessidade de uma lógica existencial para descobrir a vontade de Deus. Porém, esta ética existencial não pode olvidar que a pessoa, a verdade e a liberdade só se realizam na comunhão e na solidariedade. Da moral de "reta intenção" passa-se agora à moral que se interroga acerca das conseqüências objetivas de nossa práxis. É preciso, entretanto, ser mais concreto: — quais hão de ser as prioridades de uma práxis cristã? Do atualismo moral que examinava só atos concretos, passou-se à moral de opção fundamental, como decisão radical da totalidade da existência humana a favor de Deus ou contra Deus. Mas, se não se acrescenta que esta opção radical por Deus passa necessariamente pela mediação concreta da preferência pelos pobres ou, ao contrário, se não se diz que a falta de solidariedade é uma opção radical contra Deus, então existe o perigo de passar de um atualismo puntiforme a um radicalismo abstrato e inoperante.

Dentro da revisão da noção do pecado e suas divisões, dever-se-ia dizer que todo pecado que conduz à morte do irmão, morte instantânea e violenta, ou morte lenta e desumanizadora, é um "pecado mortal". E, ao contrário, todo ato libertador e solidário, de quem luta pela libertação, é um ato segundo o Espírito, é vida, graça e salvação. Todas estas considerações poderiam estender-se

à moral setorial (família, sexo, economia, cultura, ecologia, sociedade, vida...), de tal forma que entre prática e espiritualidade houvesse íntima conexão, e se visse que o "fruto da caridade" e para a vida do mundo", de que fala o Vaticano II, se chama hoje, justiça e solidariedade, e é um fruto genuíno do Espírito de Jesus (Gal 5).

5. DISCERNIMENTO DE ESPÍRITOS

Este tema, clássico em toda a história da espiritualidade, e que foi sistematizado em diversas regras de discernimento, também exige revisão, com base na justiça e na solidariedade.

Desde a monástica primitiva (Vita Antonii, Cassiano, etc.) até à época medieval (Bernardo, Kempis, até chegar a Inácio de Loyola), o discernimento dos espíritos se centrava, antes de tudo, em distinguir as noções internas procedentes do bom espírito daquelas que procediam do maligno. A paz interior e a alegria do coração eram sinais distintivos do bom espírito, e, pelo contrário, a tribulação e a tristeza eram típicas do mau espírito. Essas regras eram dadas a poucos iniciados que desejavam avançar pelo caminho da perfeição.

Ao mesmo tempo em que reconhecemos toda a riqueza espiritual desta interiorização existencial do discernimento realizado por monges, ascetas e místicos, é preciso também que procuremos situar esta co-

laboração no contexto mais amplo do discernimento bíblico.

Para a Escritura, o discernimento não é algo exclusivo de uma minoria, mas pertence a todos os crentes, a todos os cristãos. Por isso, no catecumenato, os candidatos ao batismo recebiam já algumas regras de discernimento espiritual. Profetas, livros sapienciais, evangelhos e escritos paulinos falam do discernimento como de atitude necessária a todos. Nos escritos paulinos, o discernimento é algo de básico para toda a vida cristã, em vista de saber o que Deus deseja (Rom 12,1-2; Ef 5,8-10; Flp 1,8-11; 1Cor 11, 28-29; 2Cor 13, 5-6; Gal 6,4-5; 1Tes 5,19-22). Também para a 1.ª Carta de João o discernimento é tarefa contínua de qualquer batizado (1Jo 4). Textos cristãos primitivos (Didaké, Pseudo-Clemente, Pastor de Hermas...) transmitem a doutrina "dos caminhos" como um ensinamento destinado a todos os cristãos.

Mas, juntamente com esta visão mais universal do discernimento, o

que chama a atenção na doutrina bíblica do discernimento é seu caráter não meramente subjetivo: — é preciso discernir doutrinas, profetas, acontecimentos históricos... Os Evangelhos constituem uma iniciação ao discernimento: — frente aos fariseus, escribas e saduceus que não sabem distinguir os sinais dos tempos (Mt 16,1-4), a comunidade apostólica discerne em Jesus, o Messias e Senhor. A Igreja há de levar adiante essa tarefa continuamente, animada pelo Espírito de Jesus, para saber distinguir, a cada momento histórico, o que Deus quer da comunidade cristã. Mas, para tanto requer-se contínua conversão ao Senhor e a seu estilo de vida tão diferente do "mundano" (Rom 12,2; 1Cor 2,10-16; Flp 2,1-18).

Os critérios que o Novo Testamento nos oferece não são puramente internos, senão externos e comunitários: — a coerência com a vida de Jesus e com sua comunidade apostólica; a edificação da comunidade; o júbilo de compartilhar; a paz comunitária; a ajuda fraterna (1Jo 4,1ss; Ef 5,8-11; Flp 1,9-11; Gal 5,22-23; Col 3,12-15; Ef 4,3; Rom 14,19; Flp 4,4-7). Podemos afirmar que o autêntico sinal do bom espírito é o amor fraterno, fruto genuíno do Espírito de Jesus. Entretanto, o amor ao pobre e ao desvalido é o critério escatológico e definitivo, segundo o Evangelho (Mt 25).

Certamente não existe contradição entre os critérios subjetivos da espiritualidade monástica e medieval, e os critérios objetivos e históricos da Escritura. Mas existe o perigo de reduzir a paz do coração, quando a paz

traz um sentido comunitário, político e cósmico. Poderíamos dizer que o Espírito de Jesus é aquele que conduz à criação de uma Humanidade mais integrada, fraterna, comunitária e livre, enquanto que aquele que marginaliza, desintegra ou escraviza, é fruto do maligno. E para tudo isso os pobres constituem um "teste" privilegiado, porque são eles que suportam as consequências do pecado do mundo.

O Vaticano II recuperou a dimensão mais histórica do discernimento, ao falar da necessidade de discernir os sinais dos tempos (*Gaudium et Spes* 4,11-44; *Presbyterorum ordinis*, 6). Não me parece, entretanto, que tenha chegado a afirmar que o grande sinal de nossos tempos é a ânsia de justiça e liberdade dos povos. Nem que haja dito claramente que o grande critério do discernimento são os pobres e seu clamor.

Digamos, para terminar, que é perigoso discernir a partir de um "lugar social" não solidário com os pobres, porque facilmente nossa secreta cumplicidade com os poderes estabelecidos nos ofuscará e desviará nossa escolha (cf. Mt 6,22-24). Só uma proximidade — inclusive física — ao mundo dos oprimidos pode nos proporcionar luz suficiente para poder discernir.

Fazem-se, a partir desta proximidade aos oprimidos, as opções da maioria do povo cristão (leigos, clérigos, religiosos, bispos, comunidades) que afetam o terreno do econômico, do social, do profissional, do pastoral, do teológico, do doutrinal, do eclesial?...

6. EM VISTA A UMA ESPIRITUALIDADE POPULAR

Resumindo tudo o que foi exposto, podemos concluir que a Igreja deve orientar-se para uma espiritualidade popular, quer dizer, para uma espiritualidade na qual o povo simples e pobre tenha um lugar ativo e prioritário, ao mesmo tempo em que os setores eclesiais restantes se solidarizem com suas aspirações profundas.

Isto requer inversão dos valores: — passar do esquema classista e burguês, que faz do povo um mero consumidor da religiosidade que lhe é oferecida pelos setores dirigentes, a um projeto evangélico que veja nos pobres os privilegiados do Reino, os destinatários primeiros da evangelização, os que evangelizam a própria Igreja. A visão elitista que gostosamente concede ao povo os valores da religiosidade popular, mas não os de uma autêntica espiritualidade, deve ser radicalmente transformada.

Em primeiro lugar, o povo simples e pobre vive com freqüência os valores da solidariedade de forma muito mais verdadeira do que os demais setores da sociedade. E também quando há pessoas concretas do povo que caem vítimas de todas as misérias e pecados humanos, sempre a solidariedade mantém-se como anelo último da vida. Os próprios egoísmos dos pobres — reais e inegáveis — muitas vezes são compensação desesperada de quem sofreu fome e não deseja voltar a senti-la por nenhum preço. São, portanto, diferentes os egoísmos dos poderosos que nascem da cobiça de possuir sempre mais e mais.

A raiz última da prioridade do povo porém, não se enraiza no próprio povo mas na opção que Deus mesmo fez dele: — o clamor do pobre se eleva até o céu, e Deus se mostra clemente e libertador, solidário com ele. O clamor do sangue de Abel (Gn 4,10), dos Israelitas no Egito (Ex 22, 21-22), dos segadores aos quais se subtrai o salário (Sant 5,4), bem como as lágrimas da viúva de Naim (Lc 7,13), chegam ao coração do Pai e comovem suas entranhas, do mesmo modo que se enternece o pai do filho pródigo (Lc 15,20). E Deus toma partido por ele.

Este clamor adquire densidade com o clamor de Jesus na cruz (Mc 15-34), e chega até o céu. Esta é a oração dos pobres esta é a sua espiritualidade: — a de todos os que sofrem a fraqueza e a servidão, e anseiam por uma nova criação, fraterna e reconciliada (Rm 8,18-27).

Este clamor é ouvido por Deus, como o foi o clamor de Jesus (Heb 5,7). E o Senhor lhes promete o Reino, do qual a ressurreição de Jesus é a primícia. O clamor dos pobres é fundamentalmente o clamor pelo Reino. É um grito de esperança na sua instauração. Este clamor é o que leva a fazer deles os privilegiados do Reino: — aos pastores é anunciada a boa-nova de que nasceu o Salvador num presépio (Lc 2,8ss).

A partir desse contexto popular, sempre necessitado de evangelização e de purificação, é possível experimentar Deus, orar, ler as Escrituras, discernir, optar radicalmente

por Deus e congregar-se em comunidade eclesial. Este é o contexto em que oraram e atuaram Moisés, que preferiu o opróbrio de seu povo ao elitismo de sua educação faraônica (Heb 11,24-26), os profetas e os grandes orantes de Israel, que através dos Salmos nos transmitiram sua experiência espiritual. Este é o ambiente dos "ânawîm", os pobres de Yahvé, do exílio e post-exílio, dos quais Lucas nos oferece uma galeria ilustre (Zacarias, Simeão, Ana, Isabel, João Batista, José e, sobretudo, Maria). Este é o lugar social e teológico da espiritualidade de Jesus e, por conseguinte, de todos os homens e mulheres que, ao longo da história da Igreja, viveram em profundidade o Evangelho (Padres da Igreja, místicos, reformadores, profetas, movimentos libertadores...). É o Espírito de Jesus que anima realmente esta espiritualidade, pois é Ele que clama através dos pobres (Rom 8): — ouvir seu clamor é acolher a voz do Espírito. Uma espiritualidade será cristã na medida em que nascer deste contexto, ou com

ele se solidarizar. Puebla expressou-o num texto singularmente denso :

"O compromisso com os pobres e oprimidos e o surgimento das Comunidades de Base ajudaram a Igreja a descobrir o potencial evangelizador dos pobres, enquanto estes a interpelam constantemente, chamando-a à conversão, e pelo muito que eles realizam em sua vida os valores evangélicos de solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus" (Puebla, 1147).

Não é recorrendo aos "gurus" do Oriente, ou aos setores poderosos da Igreja e da sociedade, que se conseguirá recuperar a espiritualidade perdida !

In "DIAKONIA", Boletim do Centro Inaciano da AMÉRICA CENTRAL n.º 30, junho de 1984, p. 110-122.

Tradução de
Ir. Ângelo M. Camata FMS

A VIDA RELIGIOSA FEMININA, SINAL DE ESPERANÇA

Ir. Judite Paulina Mayer, NDS

Parece estranho interrogar-se sobre a Vida Religiosa feminina e mais estranho ainda questioná-la como sinal de esperança; onde estaria o ponto-chave deste sinal?

Lendo um artigo sobre Santa Teresa D'Ávila, senti o quanto falta por se fazer, como mulheres de Igreja. Assim diz Santa Teresa:

"Ó meu Criador... quando peregrinavas aqui na terra, não abominaste as mulheres; pelo contrário, sempre as favoreceste com muita benevolência e encontraste nelas muito amor e mais fé que nos homens (...). Não basta, Senhor, que o mundo nos mantenha isoladas (...)? Será mesmo verdade que não conseguimos fazer nada de válido para ti em público, que não ousemos dizer abertamente nenhuma verdade? Será possível, Senhor, que tu não nos ouças quanto te dirigimos um pedido tão justo? Não acredito, Senhor, porque confio na tua bondade e justiça. Sei que és um juiz justo, não fazes como os juizes do mundo, para os quais, sendo filhos de Adão, e todos homens, não existe virtude de mulher que não seja considerada suspeita. Mas haverá de chegar um dia, ó meu Rei, que todos nos conhecerão. Eu não falo de mim, pois o mundo já conhece

a minha miséria e eu fico feliz que a conheça. Porém, quando olho estes nossos tempos, não acho de maneira alguma justo que sejam menosprezadas almas virtuosas e fortes, pelo simples fato de que pertencem a mulheres" (1).

A censura não permitiu que esta oração fosse conhecida no tempo de Teresa. Após séculos esta prece me vem com toda sua força profética. Ela traz anseios e a consciência do quanto a mulher tem em si mesma de desejo de espaço para uma liberdade de filha de Deus.

Na América Latina a vida religiosa feminina é significativa senão pelo testemunho, ao menos pelo número. O assumir radical de nossa vocação batismal nos impele cada vez mais a uma prática libertadora, pois, na caminhada do povo de Deus encontramos a mulher como ser humano duplamente oprimido. Por isso mesmo, a Vida Religiosa feminina deve ser um sinal de esperança do nascimento de uma nova mulher, filha de Deus, criada à imagem de Deus (Gn 1,26-28).

Aqui e lá surgem sinais de uma nova consciência histórica sobre o ser humano mulher. Sinais pequenos, mas cheios de vida (2).

CAMINHO QUE SE FAZ, CAMINHANDO

Em 1968, a revista "Sponsa Christi" trouxe o anúncio profético de inúmeras mudanças e novas concepções da Vida Religiosa feminina.

Medellín lançou o desafio e o grito de um contexto latino-americano de extrema pobreza e opressão, acenando de longe para a situação da mulher: "a mulher reivindica sua igualdade de direito e de fato, com o homem" (3). Esta pequena frase apontava para o nascimento de uma nova consciência de nossa realidade.

A CRB já havia iniciado seu grande trabalho de conscientização entre os religiosos. Numa emulação mútua entre realidade e o desejo de responder aos novos desafios, a vida religiosa pouco a pouco foi saindo do seu isolamento. Iniciou-se um "êxodo" da situação de segurança e respostas prontas, para uma busca de seguimento de Cristo, no meio do povo e com o povo.

O encontro da religiosa com a realidade sofrida à sua volta, questionou em profundidade a sua pessoa toda. Na busca de sua identidade, ela re-descobriu também o seu ser mulher. Aceitando o desafio de caminhar com o povo, teve que sair de sua dependência e de certa ingenuidade diante da realidade. Aos poucos foi crescendo sua consciência histórica, sua capacidade de assumir responsabilidades e responder aos desafios de novos caminhos sempre mais comprometidos com a realidade do povo.

LUZ NO CAMINHO

Nossa limitação de ser humano é grande. Novos caminhos não se fazem sem conflitos, rupturas e sofrimentos. A tentação sempre presente é de voltar ao seguro e estabelecido. É menos desgastante. Afinal, "foi sempre assim", e por que mudar? Felizmente a profecia não morre na vida da Igreja e sempre existiram mulheres corajosas. Nessa caminhada lenta e silenciosa, de acertos e fracassos, sempre existiu um pequeno grupo que não deixou apagar a "mecha que ainda fuma" (Is 42,3), e assim a consciência da religiosa cresceu.

Parece-me que Deus apontou um caminho: os meios populares onde a consciência da situação da mulher latino-americana, a descoberta da força e resistência dela vieram à tona. Em Puebla percebemos o sinal desse crescimento e a resposta dada por muitas, projetando luzes para se continuar na caminhada (4). Essas luzes tornam-se meios de aprofundamento, chamando-nos atenção para nossa resposta de fé. A presença e ação das mulheres tornam-se cada vez mais efetivas nesta Igreja presente entre o povo simples, e nela a presença das religiosas começa a surgir.

Neste processo libertador, os mecanismos e as estruturas da Igreja, às vezes, se apresentam e se evidenciam de modo patriarcal e por isso mesmo, torna-se necessário a Vida Religiosa feminina assumir com mais empenho a sua identidade própria.

O "saber teológico", centralizado nos homens de Igreja, descobre no-

vos interlocutores, pessoas que refletem sua fé com a mesma seriedade. Os leigos já contribuem mais efetivamente, e a Vida Religiosa feminina é convocada a participar deste diálogo e aprofundamento da fé de modo mais sistemático.

A religiosa que se encontra nos meios populares percebe com mais facilidade e mais clareza a dificuldade da linguagem tradicional da fé diante das exigências atuais da missão. É desafiada a criar uma linguagem que unifique a consagração, a missão, fé e vida, mística e política. A necessidade de tornar coerente a teoria com a prática exige da religiosa levar em frente e fazer avançar o processo libertador segundo o projeto de Deus. Esta contribuição é ao mesmo tempo um desafio e um sinal de esperança para o povo latino-americano.

É aos poucos que se faz o caminho, por um grupo minoritário é verdade, mais não deixa de ser um caminho promissor, "sinal dos tempos" como nos lembrava João Paulo II em seu discurso às religiosas de São Paulo (5). Com intuito de ajudá-la a refletir, deixo-lhe esta questão: Como você vê esta caminhada e como toma consciência deste desafio? Você acha que o número das religiosas da América Latina pode ser contato como minoria ou maioria pronta a assumir este desafio? Onde você se situa como religiosa? É bom também repensar sempre nos medos, nas justificativas que se fazem para se permanecer na mesma posição. Enfim, podemos ainda refletir no desafio que as irmãs mais presentes nos meios populares

trazem para você através de seu testemunho (6).

ESCUTAR AS ESCRITURAS

Em toda realidade conflitante, de incertezas e sem respostas prontas, a busca de uma resposta de fé significa **ESCUTA DAS ESCRITURAS**, ouvido aberto à Palavra de Deus para anunciar e olhos para enxergar a realidade.

Uma questão se impõe: como reler as Escrituras à luz da realidade em que vivemos? Fica para você a indagação do como está relendo a Palavra e onde encontra a "Boa-Nova" que deve ser anunciada todos os dias: "a cada manhã o Senhor abre meus ouvidos para que eu ouça como discípulo" (Is 42,4).

Colocar-se como discípulo de Cristo supõe descobrir a experiência coletiva da mulher bíblica, uma imagem da mulher que me revela a Escritura. É descobrir a doadora e preservadora da vida, promovendo a libertação, salvando a vida em momentos críticos e de opressão.

Percorrendo as Escrituras com novos olhos podemos perceber a ação das mulheres como grito profético e sinal de resistência, de luta pela sobrevivência (Ex 1,15-21; Gn 38; Jos 2,1-21; Rut 1,8-18; Jdt 8,9-34; Est 4,9-17 — 7,1-4). O lento e silencioso germinar de uma vida, a preparação contínua para acolher nova vida, faz parte inerente do seu ser mulher. Isso lhe dá uma percepção intuitiva do perigo que corre a vida em todos os níveis e esta singularidade traz consigo uma experiência

de fé e uma aproximação única do Deus da Vida.

Nesta releitura bíblica a redescoberta de MARIA inspira, orienta e atualiza a prática histórica da mulher. O pouco que se fala de Maria no N.T. torna-se significativo, pois Maria não é somente Maria, mas é também a esperança e a vida de seu povo.

MARIA, MEMÓRIA DO SEU POVO

Na memória do povo de Maria, percebemos a presença da mulher, sua luta, seus fracassos e suas vitórias. Ser humano que se abre para a continuidade e a realização das promessas de vida na caminhada de um povo solitário e oprimido.

O cântico profético de Maria "Magnificat" ressoa através de todas as profecias, onde pouco a pouco, cada vez mais a mulher é o povo. É Jerusalém que chora e geme por seus filhos: "uma voz se levanta em Ramá, é Raquel chorando seus filhos..." (Jr 1,15-16), mas é também o "alegra-te filha de Sion, solta gritos de alegria, ó Israel... pois o Senhor está no meio de ti como herói e Salvador" (Sof 1,4ss).

É dentro da situação de fraqueza de seu povo que Maria entoia seu cântico de esperança, renascimento para um povo oprimido. Promessa que cresce e se amplia da mulher para o povo, do povo para todos os povos. Na medida em que ela se cumpre, Maria grita e exulta de alegria, revelando a inversão dos poderes estabelecidos e já cantados por

Ana. A justiça de Deus ultrapassa os projetos lucrativos e objetivos dos poderosos como prediziam os profetas.

Junto com Maria as mulheres do Evangelho representam este povo cansado e fraco. É através delas que Deus faz o primeiro anúncio de sua ressurreição. Elas estão com medo e não têm crédito entre os homens. No entanto, a força de sua fé é capaz de perceber a vida em plenitude quando os discípulos ainda continuavam sem saber que rumo tomar. São elas, as mulheres, as que descobrem a Boa-Nova da Ressurreição (7).

Feita de espera e tempo (8), capaz de resistir e lutar pela vida num contexto de morte, a mulher latino-americana torna-se capaz de descobrir e enxergar a novidade da vida no cotidiano. Responde à Palavra de Deus e persevera na conquista e construção das comunidades que no início são frágeis sementes, lentas em lançar raízes e dar frutos.

TRANSMITIR OU CONSERVAR

Olhando as Escrituras com novos olhos, descobrimos que a imagem da mulher que nos foi transmitida nem sempre é a figura da mulher criada como imagem e semelhança de Deus. Mantidas à margem da vida, do processo histórico, muitas vezes nós mulheres trazemos dentro de nós uma falsa idéia de nós mesmas (9).

O dom de acolher e transmitir a vida pode ser e de fato se transforma em espada de dois gumes. Muitas vezes julgamos transmitir a vida

e de fato esperam de nós apenas conservá-la. Nem sempre conservar é transmitir ou deixar a vida crescer.

CONSERVAR

Qual seria a diferença entre transmitir e conservar a vida? Esta é uma pergunta que me faço muitas vezes. Creio que conservar significa passar para frente como se recebeu. Quando fazemos almoço ou jantar sabemos que para não estragar os alimentos, eles devem ser bem cozidos, e para não se estragarem na geladeira é preciso colocá-lo no congelador, do contrário não há conservação. Pois bem, quando vejo a vida como simples conservação e preservação, parece-me que estamos querendo fazer a vida ficar estacionada. Ela já estaria prontinha sem mais nada para fazer. Seria apenas uma participação passiva, guarda e vigia de uma vida sempre igual, sem modificações.

TRANSMITIR

Quando falo de transmitir sinto um grande dinamismo. É como quando pego um vaso e coloco uma pequena muda de folhagem, rego, cuido, aplico-lhe vitaminas. Procuro um espaço para que ela possa se sentir bem e crescer. Meu papel é de cuidar desta nova planta mas ao mesmo tempo deixar que ela cresça com sua nova força. Talvez exija podas e adubo quando estiver fraca, mas para crescer ela só depende dos cuidados e de atenção contra os perigos que a fazem definhando ou morrer.

Nas pistas que descubro dia a dia, percebo que a vida religiosa tem a chance de conservar ou transmitir a vida. Como é importante descobrir valores presentes no cotidiano que por vezes estão ameaçados, descobri-los para transmiti-los em toda sua força. Como é importante deixar nascer as novas formas de fraternidade, de oração, de existir como pessoa humana em nossas comunidades, pois, todas são irmãs que buscam juntas o melhor meio de servir o povo de Deus como discípulos de Cristo. Como é importante lutar por esta vida fraterna no meio do povo e com o povo, tornando-se um sinal de esperança. Como é importante o relacionamento fraterno na vida íntima da comunidade, onde a vontade de Deus torna-se obediência comunitária a questionar um mundo competitivo, sua eficácia e exploração.

MODO NOVO

A estas alturas podemos indagar se é possível a busca de transmissão da vida como sinal de esperança. Podemos também indagar sobre a validade de um desejo simplesmente de mudança ou se de fato ali estaria um caminho ou futuro da Vida Religiosa feminina.

Olhando para nossas irmãs que vivem nos meios populares, sentimos um crescimento e uma descoberta rica, valiosa, como mulheres. O contato cotidiano com a mulher do povo ensinou-lhes muitos valores que, graças a Deus e à resistência destas mulheres simples, não foram ainda massacrados pelo sistema de exploração. O contexto de opressão apro-

xima de modo peculiar a mulher de fé à mulher bíblica. Sua vida é enraizada na experiência cotidiana de Deus. Mulheres de fé, tementes a Deus.

Acredito que através desta convivência, troca de experiências e vida elas se tornam um sinal de esperança para uma nova linguagem da mulher de fé, esperança da caminhada de um povo temente a Deus e em processo de libertação.

SINAL DE ESPERANÇA

Levando em conta a perspectiva da dimensão profética e da resposta à sua vocação batismal, a religiosa é convocada a assumir um aprofundamento e uma busca permanente na fé. Trata-se de desenvolver uma percepção mais próxima da realidade da vida cotidiana. É um apelo à criatividade, e aqui fica bem uma pergunta: até que ponto nossa vida tem sido uma resposta criativa na fé?

João Paulo II dizia em 1980: "Não seria necessário dizer-vos a grande e sincera confiança que a Igreja deposita em vós... Conheceis os motivos desta confiança: pela vossa vida de oração sois sinal do Absoluto de Deus e da importância da contemplação; pela vossa disponibilidade sempre pronta, sois uma ponta de lança para as urgências missionárias; e pela vossa vida em fraternidade, sois afirmação de comunhão e participação, um apelo para se viver a dimensão comunitária da Igreja. Vós sois uma expressão particular do mistério da mesma Igreja, na sua inserção no tempo, vital, concreta e

adaptada, e na sua universalidade (10).

PONTA DE LANÇA

A exortação de João Paulo II nos pede para sermos ponta de lança, abriremos caminhos novos, criarmos meios que manifestem a nova vida, esperança de libertação. O seguimento de Cristo nos leva a dar a vida, perder a vida para ganhá-la. É preciso caminhar com o povo nesta busca e não se esconder com medo do risco, do martírio cotidiano de nosso povo. A paixão e o sofrimento de Cristo não são uma simples memória do passado mas sim consciência de sua existência hoje, entre nós.

Certamente existe a chama de esperança, uma vida religiosa feminina capaz de responder ao apelo profético de tantas mulheres que nos precederam na fé. O convite está sempre presente e da decisão dependerá a resposta afirmativa ou negativa de nosso sinal de esperança. Isso significa uma responsabilidade e um comprometimento eficaz, a nossa participação no esforço que este "sinal de Esperança" não venha a desaparecer da Vida Religiosa.

NOTAS

1. PALIOTTI, Oreste, "Teresa D'Avila quatrocentos anos depois", in: Cidade Nova 11-12-1982, pp. 23-25.
2. No que diz respeito à mulher latino-americana lembramos o livro do CEHILA — A mulher pobre na história da Igreja Latino-

- Americana. S. Paulo, Paulinas, 1984.
3. Documento de Medellín, Petrópolis, Vozes.
 4. A Evangelização no presente e no futuro da América Latina: Conclusões PUEBLA, S. Paulo Loyola, 1979 — especialmente os § 834-849.
 5. Pronunciamentos do Papa no Brasil. S. Paulo, Loyola, 1980, pp. 94-101.
 6. Chamamos a atenção para o trabalho de NUNES, Maria José F. Rosado, "As religiosas e o compromisso com os pobres no Brasil in: CEHILA A mulher pobre na história da Igreja latino-americana, op. cit.
 7. Já começam a aparecer em português algumas reflexões feitas por mulheres a respeito de uma nova visão bíblica. Citamos como exemplo: BLAQUIÈRE, Georgette. O privilégio de ser mulher, S. Paulo, Paulinas, 1984 e QUÉRÉ, France. As mulheres do evangelho S. Paulo, Paulinas, 1984.
 8. SANTISO, Maria T. P. A hora de Maria, a hora da mulher, S. Paulo, Paulinas, 1982, pp. 119 ss.
 9. BELOTTI, Elena Gianini. Educar para a submissão, Petrópolis, Vozes, 1979.
 10. Pronunciamentos do Papa, op. cit., § 4, p. 95.

O RELIGIOSO - LEIGO E AS CEBs:

APENAS UMA REFLEXÃO (1)

Frater Henrique Cristiano José Matos, CFMM

Em todo o processo das CEBs no Brasil o papel do religioso tem sido de primordial importância. (2) Já se escreveu bastante sobre a inserção da mulher religiosa nesta caminhada da Igreja nos meios populares. E também não há dúvida que os religiosos-sacerdotes ocuparam lugar de vanguarda na mesma. Nada ou quase nada se publicou a respeito do **"religioso-leigo"** com relação às CEBs. (3) Aliás, o religioso "não-presbítero" é o grande incógnito em âmbito eclesial. Na pastoral vocacional oficial é raramente mencionado e onde é conhecido, tem-se a impressão que determinados bispos gostariam que fosse logo 'padre' para poder 'funcionar' mais 'eficientemente'. Para muitos dos fiéis o "Irmão religioso" é um personagem enigmático, meio termo entre a figura claramente definível da "freira" (4) e o sacerdote visto como representante oficial da Igreja com **"poder de celebrar missa"**. Alguns o vêem com compaixão: um 'coitado' que parou no meio da estrada e não chegou a ser padre por falta de capacidade intelectual! Por outro lado, os próprios Institutos religiosos de Irmãos têm sua parcela de culpa nesta estranha 'imagem' amplamente divulgada no Brasil. O apostolado específico realizado em grandes instituições e a rígida es-

truturação de um estilo de vida 'conventual' fizeram com que várias destas Congregações levassem, até bem pouco tempo, uma vida um tanto desligada da pastoral de conjunto do país. A isso também não foi estranho o espírito de uma certa auto-suficiência, impedindo, não raras vezes, uma maior sensibilidade e abertura para outras realidades eclesiais. Além disso, a camada social atingida pelo apostolado destas Instituições Religiosas — não obstante as nítidas referências nas suas respectivas Constituições, de serem fundadas para atender às classes pobres da sociedade — as distanciou, no decorrer do tempo, das realidades populares. No entanto, é exatamente o "Irmão religioso" que, no atual contexto da Igreja no Brasil, teria surpreendentes possibilidades para testemunhar o que é 'Vida Religiosa'. (5) É um fato que, em numerosos casos, o religioso-leigo poderia, sem maiores obstáculos, receber o sacramento da Ordem, mas por carisma e livre escolha opta por uma forma de vida cristã que se inscreve na radicalização das promessas batismais (6), e o mantém, igualmente, no **'estado laical'**. Ele vive sua consagração a Deus mediante a profissão dos três votos, na qualidade de leigo. (7) Entende sua vida como um

'**ser-reservado**' para Deus e um '**ser-enviado**' aos homens com explícita missão no mundo. Além de sua consagração, comum a todos os religiosos, com total disponibilidade para o serviço da Igreja, o religioso não-presbítero — ao meu ver — tem duas condições específicas que o tornam particularmente apto para um trabalho pastoral com as CEBs. Sua posição de **leigo** lhe proporciona ocasião de estar mais próximo do povo nas bases, caminhando junto com essa gente simples e pobre. Ninguém desconhece que semelhante 'conversão ao povo' é tremendamente exigente e nada fácil, mas retoma o carisma fundacional da maioria desses Institutos. Ao lado de seu '**ser-leigo**', muito '**Irmãos religiosos**' possuem boa e até aprimorada **qualificação pedagógica e didática** que poderia ser empregada em benefício do povo de Deus nas bases. (8) Sem ser obrigado a '**celebrar missa e administrar sacramentos**' — ministério específico do presbítero — o "**Irmão**" tem boas disposições para ser '**agente de pastoral**' na dinâmica das CEBs, ativamente empenhado na construção destas comunidades cristãs em suas múltiplas dimensões. (9) Tal serviço eminentemente eclesial abriria novas perspectivas ao apostolado tradicional (10) na linha de uma genuína interpretação do carisma do Fundador. Também alargaria os horizontes de uma pastoral vocacional para o próprio Instituto. Em vez de sofisticadas e artificiais '**campanhas de recrutamento**' (11) — estimuladas e, às vezes, lideradas por governos congregacionais que vêm com angústia e preocupação a diminuição numérica do Instituto — o testemunho evangélico dos Irmãos

engajados em trabalhos na base, atrairia jovens desses meios populares para este tipo específico de vida consagrada. A entrada destes candidatos '**do povo**' traria, indiscutivelmente, sérias conseqüências para a formação à VR nos Institutos Religiosos de índole laical, mas ofereceria também inauditas chances para sua renovação e refontalização.

Nas bases, o religioso não-presbítero deveria ser o representante de um **estilo de vida consagrada** caracterizado pela simplicidade, desapego, proximidade e solidariedade com o povo, partilha de bens e vivência concreta, sem rodeios, da opção pelos pobres. Será o testemunho de uma vida sem grande prestígio social, nem terá '**status**' no escalão eclesiástico. Nesta condição sofrerá incompreensões e será sinal de contínua contradição e desafio evangélicos. No meio do povo seu "**ser-religioso**" aponta constantemente para o único necessário' e seu '**agir como religioso**' visa a antecipação do Reino nas realidades terrenas, sendo sua própria existência eloqüente sinal do Reino escatológico cuja vinda em plenitude aguardamos como dom gratuito, quando Deus será tudo em todos. (12)

NOTAS :

1. Trata-se de uma reflexão estritamente pessoal, cujas afirmações são necessariamente provisórias pela novidade da abordagem.
2. A este assunto já se dedicaram estudos notáveis. Menciono aqui a significativa contribuição do Padre Carlos Palacio SJ, origi-

nalmente o texto da conferência pronunciada na XII Assembléia Geral Ordinária da CRB (27-07 a 02-08 de 1980), no Rio de Janeiro, sob o título: "*Vida Religiosa inserida nos meios populares*"; cfr. também "O perfil da Vida Religiosa nos meios populares", in *CONCILIUM* n.º 196 (1984), 74-79.

3. Refiro-me, neste texto, exclusivamente aos membros de Institutos Religiosos laicais e não ao "Irmão" que pertence a uma Ordem ou Congregação de caráter "clerical". Sobre este último ver: "*Il fratello religioso nella comunità ecclesiale oggi*" (Atti del I.º Convegno Intercongregazionale, Roma 18-23 aprile 1982), a cura di P. Fernando Taccone CP (Ed. CIPI, Roma, 1983), como também: "*Il religioso fratello in cammino nella Chiesa*" (idem).
4. Não uso esta palavra aqui em sentido pejorativo, mas apenas para fazer eco à opinião comum.
5. Por ora, a Irmã religiosa — mais por condicionamentos histórico-culturais do que por motivos teológicos — não tem acesso ao ministério presbiterial, o que necessariamente restringe sua consagração na Igreja a determinadas formas de VR (incluindo aqui os Institutos Seculares Femininos).
6. Cf. LG 43-44; Decreto *Perfectae Caritatis*, n.º 5; tb JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Redemptiois Donum* (25-03-1984), n.º 7.
7. As origens da VR encontram-se precisamente na "vida cristã e evangélica vivida no mundo e não necessária ou exclusivamente na vida clerical, e certamente, não na vida hierárquica. A vida religiosa está, portanto, mais próxima da vida leiga do que da vida clerical". (Marcello de Carvalho Azevedo, *Os Religiosos, vocação e missão. Um enfoque exi-*
- gente e atual*. CRB, Rio de Janeiro, 1977, 87). Este autor, durante nove anos consecutivos Presidente Nacional da CRB, nunca escondeu sua estima pela VR laical, incentivando os Irmãos a aprofundarem exatamente a "laicidade" dos seus Institutos, vendo nisso uma contribuição original e enriquecedora à recuperação da natureza teológica da VR na Igreja, hoje.
8. Bom número dos Institutos Religiosos de caráter laical — cujas origens estão em fins do séc. XVIII, mas sobretudo ao longo do séc. XIX — tem como campo específico de apostolado a instrução e educação da juventude "sobretudo a mais carente e abandonada!" Esta rica e sempre atual "reserva pedagógica" poderia ser aplicada também — além das obras tradicionais — ao "novo modo de ser — Igreja" das CEBs.
9. Muito oportuna, neste contexto, é a leitura do opúsculo de CLODOVIS BOFF: "Como trabalhar com o povo — Metodologia do trabalho popular", Vozes (Coleção FAZER/5), Petrópolis, 1984.
10. Não estou pleiteando com isso um simples abandono das obras "tradicionais", muitas das quais conservam evidente "potencial evangelizador", mas sim uma maior abertura aos apelos que chegam dos novos desafios pastorais neste momento da História. Diz João Paulo II no seu recente documento "aos Religiosos e às Religiosas": "Para o vosso apostolado na Igreja é importante que sejais muito sensíveis às necessidades e aos sofrimentos do homem, que se apresentam tão claramente e de maneira tão impressionante no mundo de hoje. (...) O vínculo que a une à Igreja deve ser profundo, muito profundo. Através de tudo o que fazeis e, principalmente, através daquilo que vós sois, que seja

proclamada e confirmada constantemente a verdade de que 'Cristo amou a Igreja e se entregou a si mesmo por ela.' (Exortação Apostólica *Redemptionis Donum*, n.º 15). Existe neste contexto obra mais meritória que colaborar na construção da Igreja, precisamente no seu nível mais elementar, ou seja nas pequenas comunidades eclesiais de base ?

11. Percebo sintomas desta mentalidade em vários pontos e realidades diversas do país. Pessoalmente considero perigoso "provocar vocações" utilizando recursos que dão a impressão que tudo depende da eficácia dos instrumentos humanos. A vocação religiosa é sempre envolta num grande mistério; continua sendo um dom imerecido de Deus que o homem acolhe numa atitude de fé e ao qual responde — com a indispensável graça divina — pela entrega confiante da própria vida. Normalmente Deus faz chegar seu convite para a pessoa se consagrar a Ele na VR, através do *testemunho de vida* dos consagrados. Aqui se situa o ponto de partida de toda verdadeira pastoral vocacional !

Não desconheço com esta afirmação que a palavra é igualmente "elemento mediador", como aliás mostra o próprio Jesus que chamou os Doze pela sua palavra e pelo seu testemunho. Trata-se de um binómio sempre atual, embora seja verdade que pouco adianta pronunciar uma palavra-convite se o testemunho de vida não é percebido ! Cf. também o belo texto da Exorta-

ção Apostólica *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI, n.º 69.

Lembro-me aqui daquela sabedoria de um Fundador de Congregação de Irmãos, em meados do século passado, quando afirmava que os membros do Instituto nunca deveriam "fazer propaganda" de sua Família Religiosa, nem direta nem indiretamente, mas entregar esta questão com inteira confiança à Divina Providência. Queria apenas dizer que a própria vida que os Irmãos levassem, *por si só* deveria ser convidativa para outros seguirem o mesmo caminho !

Logicamente não se desaprova uma legítima, sã, e sempre modesta divulgação da própria Congregação e de seu carisma, mas devemos estar bastante atentos a formas suspeitas de proselitismo que estão emergindo aqui e acolá !

12. Nesta linha de pensamento sobre novas "oportunidades" para a VR laical pela inserção nas "bases", não há excessiva preocupação com o número de candidatos que se apresentam. Devido à própria natureza desta modalidade de vida consagrada, como também por causa do "clima psicológico reinante" (onde o "prestígio" que o sacerdócio proporciona não é totalmente ausente !) a VR masculina laical sempre terá o caráter de uma "*minoria*" pequenos grupos de cristãos que testemunham "pela sua fé profunda e vivida, pelo seu contacto com Jesus Cristo, pela experiência de Deus, a existência de ALGUÉM em termos pessoais. PELO QUAL e em força DO QUAL é vivida esta vida". (AZEVEDO. *op. cit.*, 97.)

D. CAETANO BRANDÃO, UM FRANCISCANO TRIDENTINO À FRENTE DA DIOCESE DO PARÁ (1783-1789)

Riolando Azzi

Ibrades — Rio de Janeiro

Existe hoje uma certa unanimidade entre os historiadores da Igreja do Brasil em afirmar que o espírito da reforma tridentina só foi implantado no país, de modo efetivo, a partir de meados do século XIX. É, de fato, nesse período que se afirma o movimento dos bispos reformadores liderados por D. Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana.

Em meus estudos anteriores, tenho destacado a atuação de diversos desses bispos, entre os quais a de D. José Afonso de Moraes Torres, bispo do Pará (1), e o próprio D. Viçoso (2).

Não obstante, é importante não assumir esse esquema histórico com muita rigidez. Se é verdade que, apenas a partir do Segundo Reinado, o movimento reformador foi consolidado no país, houve no período anterior diversas tentativas de levar avante a implantação do modelo tridentino de Igreja. Entre os prelados que se distinguiram nesse esforço, merece sem dúvida, destaque D. Caetano Brandão, que ocupou a sede episcopal do Pará em fins do sé-

culo XIII, tendo anteriormente ingressado na Ordem Franciscana em Portugal.

1. Na escola franciscana

Caetano Brandão nasceu a 11 de setembro de 1740, na freguesia de Loureiro, bispado do Porto, filho de Tomé Pacheco da Cunha, sargento-mor de Ordenanças e de Maria Josefa da Cruz. Tendo ficado viúva, desejava a mãe que ele seguisse o curso jurídico na Universidade de Coimbra. Não obstante, o jovem Caetano preferiu recolher-se a um claustro. Desse modo, aos 18 anos de idade recebeu o hábito de São Francisco da Terceira Ordem da Penitência, no Colégio de São Pedro de Coimbra.

Professou na Ordem franciscana, como religioso, no dia 28 de novembro de 1759. Nesse mesmo ano, convém lembrar, os jesuítas eram expulsos do Brasil pela ação de Pombal.

O jovem frade Caetano prosseguiu seus estudos na Universidade, ob-

tendo o título de bacharel em teologia.

Em seguida, por razões de saúde, passou a residir no convento de Vila de Viana no Alentejo, onde fortaleceu-se na espiritualidade franciscana.

Numa carta escrita à madre Ana Lyduvina de S. Lourenço, freira do mosteiro da Ordem de S. Jerônimo, afirma que a vocação religiosa é um apelo de Deus para que a pessoa "se esqueça da vida do século, dos seus errados costumes, e das suas paixões, para se entregar inteiramente ao exercício das virtudes, mortificando os seus afetos desordenados, fazendo uma contínua violência ao seu natural, e fugindo a tudo o que pode introduzir ou fomentar em seu coração, qualquer relíquia do pecado".

A vida religiosa, portanto, é vista como uma radical ruptura com o mundo profano. Afirma, em seguida, que toda a alma que se dispuser a ouvir a voz de Deus compreenderá perfeitamente, que a finalidade do ingresso na vida religiosa é "para passar uma vida laboriosa, pobre, mortificada, penitente, uma vida toda cheia de virtudes, digna do prêmio eterno da salvação" (3).

Existe portanto, em frei Caetano, um fervor religioso acentuado, possivelmente o reflexo da própria vida franciscana em Portugal, nesse período.

No Brasil, porém, a situação dos franciscanos é bem diversa. Exauridos pelo longo período de disputas entre lusitanos e brasileiros, a fim

de obter os cargos de governo da Ordem, de que resultou a promulgação pontifícia da lei das alternativas, determinando o revezamento nos cargos, entre portugueses e filhos da terra, os franciscanos estavam em crise. Não era mais o ideal religioso que estimulava o ingresso aos conventos, mas sim a estabilidade sócio-econômica que a vida religiosa oferecia (4).

Com o restabelecimento de sua saúde, frei Caetano foi chamado para o convento de Jesus de Lisboa, para ocupar a cadeira de mestre de Artes, isto é, lente de Filosofia, e em seguida também de Teologia. Com a fundação de um novo Colégio da Ordem Terceira em Évora, frei Caetano foi enviado para lá, em princípios de 1777.

Tendo a Coroa convocado a Ordem Franciscana a enviar missionários para Angola, Caetano ofereceu-se como voluntário, procurando nessa atitude, ser fiel a seu ideal religioso, como escrevia numa carta:

"Bem sabe Nosso Senhor, que neste projeto não tenho diante dos olhos mais do que o seu serviço, e o fazer penitência das minhas culpas" (5).

Na realidade, porém, seu pedido não foi deferido, pois o provincial julgava importante sua permanência em Portugal. Entretanto, continuou como professor, alternando sua permanência entre Évora e Lisboa.

A 2 de agosto de 1782 foi nomeado, pela Coroa, como bispo do Pará: deveria, portanto, deixar o burel fran-

ciscano, para revestir-se dos trajes prelatícios. Não obstante, o ideal ascético e religioso continuou a pautar sua vida na nova atividade pastoral.

2. Um bispo tridentino

Sem dúvida, o que mais destaca a figura do novo prelado do Pará é a preocupação em ser fiel ao modelo de pastor proposto pelo Concílio tridentino. De fato, uma das orientações dominantes da reforma tridentina era substituir a tradicional imagem do bispo medieval, homem mais político do que eclesiástico, envolto numa atmosfera de poder e de ostentação, pela figura do prelado preocupado com o bem das almas a ele confiadas, e totalmente dedicado aos aspectos religiosos da vida em seu governo diocesano.

Já no século XVI, alguns prelados da Igreja se haviam distinguido por conformar-se perfeitamente a esse modelo. Tal era o caso de São Carlos Borromeu, arcebispo de Milão, e frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga.

Caetano Brandão, que seria posteriormente um dos sucessores de frei Bartolomeu, na sede de Braga, nutria desde sua nomeação para o Pará, um ideal análogo: transformar a diocese de além-mar numa região onde o modelo tridentino de Igreja tivesse plena vigência.

Ao receber a nomeação episcopal, um novo horizonte se abre diante de frei Caetano: passa agora a ser responsável por um imenso número de almas, cuja salvação está entregue

a seus cuidados pastorais. Por isso, em carta a uma religiosa, datada de 21 de janeiro de 1783, em que comunica terem chegado da Santa Sé as bulas de confirmação no episcopado, acrescenta:

"Aqui estou já com o peso às costas: até agora uma pobre alminha me custava tanto a livrar dos perigos que a cercam, para a entregar ao meu Criador; que hei de fazer de aqui em diante, tendo de lhe dar conta de um tão grande número delas? Jesus! Que me vejo afogado em tão amargosa e triste reflexão."

É bem nítida, portanto, a preocupação fundamental do novo prelado do Pará: a salvação das almas. É sob esse prisma especificamente religioso que ele se dispõe a trabalhar. A realização dessa obra corresponde a um verdadeiro desígnio divino. Caetano vê na missão episcopal que lhe é conferida um projeto de Deus, ao qual deve ele, mediante a graça sobrenatural, ser estritamente fiel. Daí suas palavras em carta de 28 de janeiro:

"Louvado seja o Senhor! Para que estava guardado um pobre fradinho, que não suspirava senão pelo canto de sua cela! Porém, ao menos consola-me a lembrança de ser obra toda do Senhor, em quem confio."

A salvação das almas é uma obra de santificação. Exige, pois, a santidade do próprio agente pastoral. Bem persuadido disso, frei Caetano escreve, em carta de 4 de fevereiro desse mesmo ano, logo após a sua sagração episcopal:

"Enfim estou com a carga toda aos ombros: eis-me aqui responsável a Deus da felicidade ou desgraça eterna de quase imensas almas... Bendito seja Deus, que por meio de tantos lances e revoluções, que tem enchido 42 anos da minha vida, me fez aporlar a uma situação tão crítica e tão difícil, onde, ou hei de ser santo, ou o mais desgraçado de todos os humanos" (6).

Em modo análogo aos bispos que surgiram na Igreja ao longo do século XVI, inspirados nas diretrizes tridentinas, também o novo bispo D. Caetano tem presente diante dos olhos os mesmos ideais: iniciar a reforma da instituição eclesiástica através do clero. Por isso, escrevendo ao vigário capitular do Pará ele se expressa através deste tópico bem significativo :

"Sim, meu R.P. e amigo, V.M. há de ser o meu Cireneu, ajudando-me a levar ao Calvário esta cruz penosíssima: para o que cuido em lançar os alicerces ao majestoso edifício que ocupa as minhas idéias, qual é procurarmos a essa Igreja, um clero exemplar e instruído."

E acrescenta em seguida :

"Estou persuadido que é muito menor infidelidade para a Igreja a falta de sacerdotes, do que ter um grande número deles ignorantes e escandalosos. Julgue V.M. daqui, quais devem ser as minhas intenções sobre a recepção de novos ministros, e sobre a cultura e perfeição dos antigos... Como o seminário é o meio mais conveniente para a educação do cle-

ro; a este alvo dirijo todas as minhas representações e desvelos" (7).

O novo bispo do Pará tem portanto, uma meta bem definida, fazer todo o esforço para implantar em sua diocese, o modelo de Igreja hierárquica, sobretudo circundado por um clero profundamente conhecedor da doutrina católica, e perfeitamente exemplar em sua conduta moral.

Entre o ideal proposto e as possibilidades concretas de realização prática havia de permeio um longo caminho cheio de obstáculos com os quais o bispo teve de se defrontar desde a sua chegada ao Pará. Apesar de tudo, nota-se sempre no prelado a disposição de conduzir avante o seu projeto reformador.

3. A reforma do clero antigo

Ao manifestar, desde sua sagração episcopal, a preocupação básica com a formação do clero, o prelado frei Caetano expressava como uma das metas do seu episcopado, "a cultura e perfeição dos antigos..."

Chegando ao Pará a 20 de outubro de 1783, procurou desde logo ser fiel a seu projeto pastoral, oferecendo, antes de tudo ao antigo clero, meios para a sua atualização na cultura eclesiástica.

Ainda não havia decorrido mês e meio de sua tomada de posse do bispado, quando publica uma carta pastoral instituindo as conferências eclesiásticas. Eis suas palavras :

"Depois que a Divina Providência

se dignou chamar-nos ao governo da sua Igreja, um dos principais desígnios que tem ocupado o nosso espírito foi o de promover entre o nosso clero, o exercício das Conferências Eclesiásticas; este exercício tão recomendado pelos Santos Padres e Mestres do Cristianismo...

"Instruído, pois, destas lições saudáveis, e desejando trilhar felizmente as pisadas de tão veneráveis Mestres, estamos determinados a empenhar os nossos débeis esforços no estabelecimento das referidas Conferências, em ordem a entreter nesta diocese o gosto das ciências eclesásticas, e excitar enfim a emulação, origem fecunda de produções literárias, mas quase extintas entre a maior parte do nosso clero."

Ordena portanto, a todos os eclesiásticos da cidade e subúrbios, sem excetuar os capelães dos navios que estiverem ancorados no porto, que nos sábados de cada semana, pelas 4 horas da tarde, se reúnam na aula de Teologia Moral, sob pena de serem punidos. E mais adiante acrescenta :

"E rogamos aos Prelados das corporações religiosas... que favoreçam do modo possível esta nossa pia resolução, mandando assistir ao mencionado ato os religiosos que conhecerem ter capacidade para instruírem e serem instruídos; e apertados com o doce vínculo da paz, um e outro clero, secular e regular, conspiraremos todos juntos contra tantos inimigos que temos de vencer, sendo os principais deles os erros, os vícios, a ignorância e a impledade" (8).

Com bastante realismo, a pastoral estabelece como limites geográficos para a aplicação das normas, a cidade e os subúrbios: o bispo bem sabe que a imensa extensão territorial da diocese, bem como a precariedade dos meios de comunicação, geralmente por via fluvial, não oferecem condições para que tais medidas possam ser aplicadas pelo interior.

Por outro lado, invoca também a colaboração dos religiosos existentes, para levar avante o seu projeto de melhorar a cultura eclesástica do clero. As ordens religiosas não eram numerosas, e além disso, algumas estavam em crise.

Desde 1760 os jesuítas tinham deixado o Grão Pará. Permaneciam ainda com o seu trabalho pastoral, os carmelitas, os franciscanos e os padres das Mercês.

O próprio bispo estava persuadido dos limites de sua ação pastoral, em vista da grande extensão da diocese. Para atingir a região do Amazonas e do interior do Pará, procurou lançar mão da colaboração de vigários gerais. Por isso, escrevendo ao vigário geral das Minas, Padre Dr. Tomé de Castro Carneiro, afirmava:

"Fogo e não palavras é o em que eu desejava envolver os meus pensamentos, para que devorassem os corações dos meus coadjutores no zelo da salvação das almas; mas particularmente daqueles que, sentados ao meu lado sobre o Trono Pastoral, espreitam juntamente comigo, e providenciam o rebanho do Senhor... Recomendo a V.M. que promova o estudo da sã moral, persuadindo o

clero que compre e leia os autores de melhor nota, como são as Sumas de Concina, de Colet, De Genet, de Culiniati, de Besombes, os Tratados de Godeau, e outros vertidos em português. Inspire aos párocos que convoquem os sacerdotes que existirem nas suas freguesias, uma vez por semana, para que com eles confirmem alguns casos práticos de Teologia Moral, e conversem nas obrigações pertencentes ao seu ministério (9).

Em última análise, a intenção do bispo era que o clero, ocupando-se mais com a doutrina moral, aderisse com mais convicção ao ideal religioso de vida sacerdotal, tornando-se assim, exemplo e modelo para os fiéis cristãos.

Por isso, ao mesmo vigário geral Tomé de Castro escreve em outra ocasião :

"Clame com a possível força aos párocos para que se dispam dos próprios interesses, e não procurem senão os de Jesus Cristo... numa palavra, a fazerem-se por sua ajustada conduta, modelos vivos das suas paróquias."

Cada pároco, portanto, devia ser um verdadeiro pastor entre os seus fregueses, como o bispo entre os seus diocesanos. A mesma idéia volta ele a expressar em outra carta, nestes termos :

"Era preciso, Reverendo Padre e amigo, que V.M. entrasse no íntimo do meu coração, para fazer uma justa idéia da alegria que sinto, quando me dizem que tenho no meu bispa-

do um bom pároco: eu o considero como um penhor dulcíssimo das Divinas Misericórdias..."

Por sua vez, intimando ao vigário Geral do Rio Negro a vigiar sobre os párocos se exprime da seguinte maneira :

"Não seja V.M. um cão mudo: clame, grite, repreenda; e avise-me quando vir que a chaga gangrena, e necessita de operação violenta... porém aos que tiverem uma louvável conduta, e desempenharem as obrigações do cargo pastoral, quero que os honre e estime muito, segurando-os da minha singular afeição."

Refere-se em seguida ao mau pároco como "um dos mais terríveis flagelos que Deus tira dos tesouros de sua cólera para castigo do povo."

E ainda, em outra correspondência, declara enfaticamente :

"Desenganem-se os maus párocos, que lhes hei de fazer guerra de fogo e de sangue, enquanto me durar a vida" (10).

Fica assim, bem evidente que D. Caetano estava disposto a implantar com toda a firmeza, a reforma do clero em sua diocese.

Como modo de demonstrar exteriormente o novo espírito de reforma religiosa, insiste em que seja utilizada a veste talar. Em 1787, antes de deixar a diocese, publicou uma carta pastoral exortando os clérigos a usarem sempre a batina ou guanacha "a fim de que o hábito externo seja um contínuo aviso de modéstia e

circunspecção a que estão obrigados pelo seu ministério; e que o povo, acostumando-se a olhá-los respeitosamente como pessoas distintas do resto dos homens, e separados por uma escolha particular para o serviço de Deus, se faça mais dócil e obedientes aos seus avisos" (11).

Exorta ainda os clérigos a se absterem de comédias e jogos públicos, bailes e assembléias compostas de ambos os sexos. Existe, enfim, uma preocupação em criar a imagem do padre como ministro de Deus, segregado do mundo, e superior aos demais homens em força de sua vocação divina.

Ao lado, porém, desse esforço por conduzir o antigo clero dentro dos moldes tridentinos, o prelado passa a desenvolver uma ação mais significativa com relação à formação do novo clero, mediante o incremento do seminário episcopal.

4. A formação do novo clero

Os seminários episcopais tomaram grande surto na Europa, após a reforma tridentina. No Brasil, apenas em meados do século XVIII, começaram a aparecer os primeiros seminários, mediante a promoção feita pelo jesuíta Gabriel Malagrida. Mas em fins do século, a maioria deles estava em crise. Tal era a situação do seminário do Pará, e o bispo D. Caetano decidiu consolidar a organização dele desde que chegou à diocese.

Escrevendo ao Ministro de Estado da Repartição, comunicava:

"O Seminário é o objeto mais atractivo do meu zelo e das minhas complacências; como o tenho de portas a dentro, de contínuo visito os seminaristas; saio com eles a passeio, aproveitando todas as ocasiões favoráveis para influir nas suas tenras almas aquelas máximas que fazem o homem cristão e honrado..." (12).

Na realidade, eram então apenas quatro seminaristas pobres que viviam em regime de internato, pois a Cúria diocesana não tinha recursos para sustentar mais. Além disso, a casa, embora grande, estava com o telhado arruinado parcialmente, necessitando de urgente reforma. Não havia também dinheiro para a remuneração adequada dos mestres.

Em vista das dificuldades para obter da Coroa os recursos necessários para a formação do clero, o bispo Caetano chegou a sugerir que os religiosos mercedários fossem transferidos do Pará para o Maranhão, para sustentação econômica do seminário. De fato, ele assim escreve ao ministro de Estado:

"O número total de religiosos mercedários (abrangendo assim os do Pará como do Maranhão) não chega a 50: podiam acomodar-se belamente nas casas que têm no Maranhão, a aplicar-se o (convento) desta cidade, com as suas rendas, para o fim mencionado. Bem sei que alguns paroqueiam atualmente as igrejas deste bispado; porém, cuidando-se em formar um bom clero, como vou prosseguindo, é inegável que ficarão mais bem servidas; e os ditos padres, com melhor disposição para observarem as leis monásticas; sendo cer-

to que um dos motivos mais ordinários de relaxação é haverem muitos conventos e poucos religiosos; a causa legítima para não poderem satisfazer a todas as observâncias brevemente degenera em pretexto frívolo para se eximirem até das mais fáceis; e ei-los aí ociosos, inúteis absolutamente à Igreja e ao Estado" (13).

Embora religioso, Caetano Brandão não se mostrava complacente com a crise e decadência das ordens monásticas, pleiteando até mesmo o fechamento do Convento das Mercês. Não obstante, o bispo reconhecia que havia entre eles religiosos de valor. Por isso solicita ao Ministro que Fr. João da Veiga, professor de mérito, tanto em teologia como em belas artes, possa dar uma colaboração direta ao seminário, "sujeitando-me eu a dar-lhe a minha mesa, e ainda a consignar-lhe do meu rendimento alguma pequena cômgrua, como estou fazendo com o professor de moral; que tudo dou por bem empregado, sendo para tão nobre fim".

Mais tarde ele incluía entre os mestres do seminário, também, "um religioso do Carmo, ancião, sisudo, muito experiente e ativo; o qual unido com os Mestres de Filosofia, de Gramática, e com o Vice-Reitor, tem posto o seminário na mais bela figura" (14).

O seminário portanto, constituía a verdadeira menina dos olhos do prelado, esperançoso de ver surgir dele a nova força de renovação espiritual da diocese. De fato, ele declara em uma de suas cartas:

"Que alegria me causa, Exmo. Sr., ver a nova face que vai tomando este estabelecimento! Assim eu tivesse sujeitos beneméritos que me ajudassem a promover a sua feliz educação."

E em outra carta escreve:

"Vejo com suma complacência formarem-se estas tenras plantas, as quais transportadas depois a um terreno mais espaçoso, não deixarão de enriquecer a Igreja e o Estado com os seus frutos."

Com pouco mais de três anos, o seminário começava já a dar satisfações ao prelado, compensando o esforço nele empenhado. Em carta endereçada a frei Gregório José Viagas, em data de 31 de maio de 1787, o bispo afirma:

"Os meus filósofos seminaristas vão fazendo um progresso mui vantajoso, de que deram claro testemunho no exame público que se lhes fez de lógica: responderam a tudo admiravelmente, mostrando um pleno conhecimento de todas as regras, particularmente de Crítica e da Hermenêutica, em que mais insisto por causa de sua grande utilidade: são 17 meninos, e quase todos com assás engenho: passarão à metafísica!" (15).

O bispo, porém, não chegou a colher os frutos dessas futuras esperanças para o seu clero, pois dois anos após, deixava ele a diocese, transferido para Portugal.

5. A moralização do povo

A preocupação específica com a formação do clero visava também, na mente do prelado D. Caetano, atingir a população católica em geral. Somente mediante a colaboração de bons pastores poderia ele trazer o rebanho dos fiéis a uma prática religiosa mais autêntica.

Dois aspectos sobretudo chamam sua atenção: a ignorância religiosa do povo e a decadência moral dos costumes.

Ao vigário geral Tomé de Castro ele dava as seguintes instruções sobre o modo de proceder dos párocos com relação ao povo :

"Obrigue-os a fazer catecismo aos seus fregueses; a persuadir a necessidade que todos têm de orar frequentemente para alcançar do Senhor os dons da conversão e da perseverança; a combaterem os prejuízos e superstições de que estão cheios os povos, e não facilitarem a absolvição dos penitentes, que é a origem fatalíssima da corrupção dos costumes" (16).

O esforço feito para reconduzir o clero ao estudo da moral devia redundar em orientações e normas de conduta para o próprio povo.

O prelado mostrava-se também extremamente exigente com relação ao que dizia respeito à dignidade do culto, procurando coibir de forma rigorosa, os abusos que julgava encontrar na prática dos fiéis católicos. Por essa razão, em carta ao vigário Tomé de Castro, declarava :

"Não consinta, nos templos, conversas, risos, posturas indecentes, assim como trajes menos compostos de mulheres. Não seja fácil em dar licença para a exposição do Santíssimo, sem ter certeza da decência do lugar, e de que o povo costuma portar-se nessas ocasiões com devoção e acatamento."

E prossegue em seguida :

"O mesmo digo a respeito das procissões, em que é levado o Santíssimo; sejam muito raras, e podendo ser sem outras imagens que distraiam a atenção dos fiéis; pois é justo que toda se impregne naquele Soberano objeto" (17).

É basicamente, a partir de uma ótica europeia que o prelado define os padrões morais, sobretudo da população feminina. A partir desse horizonte, procura colocar um freio ao que considera como abuso, na tradição religiosa do povo.

Uma de suas maiores preocupações consiste em vestir melhor as mulheres, afastando-as daquela semi-nudez herdada da tradição indígena.

Em carta ao inquisidor Antônio Caetano do Amaral, o bispo declarava :

"Havia aqui uso praticado pela maior parte das mulheres do país, e ainda de muitas vindas de fora, entrarem nas igrejas e assistirem os ofícios sagrados somente em saia e camisa: era abuso velho, e muito arraigado... Procurei, desde o princípio dispor os ânimos, por meio da

instrução e dos avisos públicos, descarnando assim brandamente aquele abuso intolerável: algumas pessoas se emendaram, a maior parte persistia no costume; enfim, junto à Quaresma mandei afixar editoriais nas portas das igrejas, onde suficientemente depois de esclarecer a matéria com decretos de vários Concílios e papas contra semelhantes desordens, proibi absolutamente a tal prática infame; assim como conversações, posturas indecentes, e outras irreverências dos Santos Lugares. Bendito Deus! De repente não se viu mais ninguém nas igrejas desta cidade, sem roupinha ou capa; e se observou uma grande diferença em tudo o mais" (18).

Antes de deixar a diocese, publica ainda a seguinte prescrição:

"Que em todas as igrejas haja confessionários postos em lugar público, nos quais se poderão ouvir as confissões das pessoas do sexo feminino; incorrendo na pena de suspensão reservada ao bispo ou ao Vigário geral, todo o sacerdote que depois de um mês de publicação desta pastoral, obrar em contrário".

Além disso, ordena também "que os párocos e mais confessores não consintam que alguma mulher chegue ao confessionário ou à mesa da comunhão sem levar a cabeça coberta, e decente compostura" (19).

A preocupação em impedir que as mulheres estivessem, nas igrejas, com os braços descobertos ou sem véu na cabeça, ocupa um grande espaço na atuação dos bispos reformadores do século XIX. Também sob

esse aspecto, D. Caetano Brandão é um verdadeiro precursor.

Outro aspecto que se afigura chocante ao prelado é o costume colonial das danças religiosas dentro da igreja, por ele consideradas como expressão de imoralidade. No Pará essas tradições eram mantidas pela Confraria do Espírito Santo. Por isso, antes de deixar a diocese, após ter sido transferido para a sede arqui-episcopal de Braga, publica uma pastoral com diversos avisos, entre os quais ordena aos párocos que procurem averiguar se as confrarias Império do Espírito Santo têm os compromissos aprovados, e se os chamados Imperadores se regulam por eles, fazendo sempre "desterrar da igreja as indignas decorações" (20). Caso contrário, proibam absolutamente tais confrarias.

Existe, pois, uma preocupação básica em fazer com que as formas de conduta na colônia reflitam os padrões vigentes entre as populações urbanas do reino. Dentro de um horizonte maior, tratava-se de enquadrar a vida religiosa do povo no próprio modelo tridentino de Igreja. Para isso, aliás, deviam concorrer também as visitas pastorais.

6. As visitas pastorais

Ao traçar as principais obrigações do bispo como pastor, o Concílio de Trento privilegiava a importância das visitas pastorais às diversas regiões da diocese. Era fundamental, segundo o espírito tridentino, que o pastor conhecesse suas ovelhas. A realidade brasileira, porém, não facilitava

muito o cumprimento dessas obrigações: as dioceses eram muito extensas, e as vias de comunicação bastante precárias. Por essa razão, durante o período colonial poucos bispos levaram a sério o cumprimento desse dever. Entre esses está Caetano Brandão. Em vista disso, ainda antes de deixar Lisboa, havia solicitado da Coroa que viabilizasse a realização das visitas, "providenciando para a cônica sustentação dos índios, que maream as canoas", pois, devendo passar a terça parte de cada ano em visita, a retribuição que se lhes dava, com a subida do preço dos gêneros, estava longe de ser suficiente.

Já em carta de 8 de fevereiro de 1784 ele escrevera que partiria em junho ou julho para a visita do Rio Negro, na qual deveria gastar 8 ou 10 meses. Desde os primeiros meses de sua chegada ao Pará, portanto, a questão da visita pastoral estava presente em sua mente.

Enquanto esperava, decidiu iniciar a 8 de abril a visita pastoral na própria cidade de Belém, publicando um edital que começava com estas palavras :

"Reconhecendo nós que a visita do nosso bispado faz o primeiro e principal objeto do nosso pastoral ofício; e desejando, quanto nos é possível, cumprir sem perda de tempo esta obrigação tão recomendada pelos antigos cânones, e ultimamente pelo Sagrado Concílio de Trento, nos pareceu conveniente principiar pela nossa catedral" (21).

A primeira visita fora da cidade só

pode ser iniciada a 2 de julho de 1785, encerrando-se a 14 de outubro em Cametá, onde o bispo permaneceu cerca de dois meses por razões de saúde. A 12 de dezembro o bispo estava de volta à cidade de Belém do Pará.

A segunda visita foi iniciada a 14 de outubro de 1786, encerrando-se no dia 18 de dezembro do mesmo ano.

A 18 de outubro de 1787 o prelado começou a terceira visita pastoral, dirigindo-se para as povoações entre a cidade de Belém do Pará e São Luiz do Maranhão. A visita foi interrompida em meados de novembro, por motivos de saúde.

A mais ampla visita programada iniciou-se a 9 de agosto de 1788, através dos rios Solimões e Negro, na região amazônica. No dia 8 de março do ano seguinte, o prelado voltou a Belém.

Prescindindo dos longos dias de viagens, o tempo durante a permanência nas povoações era quase todo ocupado em catequese e ministério sacerdotal: batismos, crismas, confissões, comunhões e matrimônios. Eis, a título de exemplo, o que o bispo escreve em seu diário de 20 de outubro de 1786, na vila de Vigia :

"Logo de manhã, celebrado o santo sacrifício da missa, me sentei no confessionário com mais quatro sacerdotes, e houve muito que fazer: depois da comunhão geral fiz uma prática ao povo, sobre o incomparável benefício que acabavam de re-

ceber da mão do seu Deus; e que concluiu pelo meio dia. Às 4 horas da tarde fui para a igreja, examinei os meninos da doutrina que achei suficientemente instruídos; e todo o mais tempo até às 7 horas gastei em explicar às minhas ovelhas as disposições necessárias para receber a graça do Sacramento da penitência" (22).

A maior parte do tempo, portanto, era passada dentro da igreja, em atividade especificamente sacerdotal, ou seja, vinculada diretamente à salvação das almas.

Apesar do carinho e respeito com que o prelado era acolhido por todas as partes por onde passava, inegavelmente essas viagens pelo interior eram demasiado cansativas, sujeitando o corpo a incomodidades dos mais diversos gêneros. Várias vezes, aliás, o estado de saúde do bispo ficou abalado, o que não impedia que ele retomasse em seguida, com firmeza, o cumprimento desse ministério episcopal. Essa disposição para o trabalho, ele afirmava em carta às religiosas de Viana, antes de partir para a segunda visita:

"Agora torno à visita por diferentes lugares, a que nunca foi bispo algum; porque estou persuadido de que o meu ministério não é de honra, mas de trabalho; não me demorei tanto tempo como da primeira vez; porém, sempre chegará a três meses; tenho de atravessar baías perigosíssimas, mas isto não me assusta, contanto que não falte a saúde; pois, na verdade, sem ela, para quem tem um bocadinho de zelo, e atividade de espírito, é morrer estar

vendo tantos abusos, erros e ignorâncias, e não ter forças para os combater; por não falar nos inumeráveis descômodos, que trazem as moléstias por semelhantes digressões" (23).

Continuou, pois, fiel ao seu dever pastoral, até ser transferido para outra diocese.

7. O modelo de Igreja projetado

A 27 de abril de 1789, pouco tempo após o término da quarta visita, foi feita a nomeação de D. Caetano para o arcebispado de Braga.

Pode-se dizer, em modo geral, que durante os seis anos de atuação à frente da diocese do Pará, o prelado teve sempre diante dos olhos o modelo tridentino de Igreja.

Uma de suas orientações básicas, de fato, era distinguir bem a esfera religiosa da área de atuação política. Desejava ser um pastor da Igreja, e não um administrador dos interesses da Coroa.

Em carta a um dos seus vigários gerais, ocupado na preparação da visita pastoral, o prelado exprime esses conceitos significativos:

"Não ignoro que os Príncipes, por acatamento à Igreja, têm depositado nas mãos do clero uma parte da sua jurisdição temporal: porém, se eles hoje, ciosos dos seus direitos, parecem arrepender-se deste lance de piedade, já publicando leis de um estilo contrário à prática estabelecida, já facilitando recursos do Tribu-

nal Eclesiástico ao Político, e por outros diferentes modos, não lhes resistamos: voltem às coisas à sua origem, e esteja cada um firme no seu posto. Talvez que assim a Igreja se fará invulnerável aos golpes do inferno; e nós teremos o gosto de ver renascidos os três primeiros séculos de sua juventude e do seu vigor; séculos em que as funções todas dos Pastores se reduziam a ensinar, batizar, corrigir, impôr penitências, remiti-las, segundo pedia a utilidade pública e o fervor dos culpados; nada mais. Ó doce ilusão! Quando chegarei a ver-te realizada?" 24).

Em outras palavras, o prelado pregava uma distinção nítida das duas áreas de atividade: a temporal e a espiritual.

Em sua perspectiva pastoral, aliás, a Igreja devia até mesmo despojar-se livremente dos privilégios que a mantinham atrelada ao Estado. Renunciando ao poder político e econômico, a instituição eclesiástica aproximar-se-ia mais do fervor das comunidades primitivas dos cristãos.

Ao afirmar sua preocupação nitidamente religiosa, o bispo Brandão vai, portanto, mais além: deseja inspirar-se nos exemplos da Igreja dos primeiros séculos, anteriores à aliança da hierarquia eclesiástica com o poder do Estado.

Como franciscano, chega mesmo a valorizar a pobreza e o despojamento da Igreja primitiva, época em que a preocupação dominante dos pastores era a perspectiva religiosa.

Ainda antes de viajar para o Pará, a fim de assumir a diocese, escrevia ele ao arcediago da catedral:

"Bem quisera eu fazer reviver a magnificência externa dessa Igreja.... porém acho nisso dificuldade: veremos se se pode vencer; quando não, contentar-me-ei em promover o esplendor, e magnificência interna da mesma Igreja, que é sem controvérsia, objeto mais digno de ocupar os desejos de um Prelado".

E acrescentava esse tópico significativo:

"Nunca a Igreja foi mais bela e formosa aos olhos do céu, do que nos primeiros dois séculos do cristianismo; porém, observo que nunca foi mais pobre e desprezível à vista da prudência da carne. Deus quer ser adorado dos seus servos, em espírito e verdade; corações humildes e puros formam o objeto das suas mais amáveis complacências; e a pompa do culto exterior só tem merecimento aos seus olhos enquanto é degrau, por onde a nossa fraqueza sobe a Ele" (25).

Não obstante essa perspectiva bastante radical a respeito do despojamento da Igreja com relação ao poder, o prelado continua ainda mantendo a tradicional posição da harmonia entre os dois poderes. Embora preocupado diretamente com a área espiritual, considera como uma das funções específicas da Igreja prestigiar a autoridade constituída. A esse respeito, é bem sintomático este tópico de uma carta sua ao Ministro de Estado da Repartição, pou-

co tempo depois da sua chegada ao Pará :

"Nos domingos e dias santos sou infalível no púlpito, de manhã e de tarde; faço catecismo aos meninos, com prática a todo o povo; já se sabe que um dos principais cuidados nestes exercícios, é persuadir quanto devem ser bons cidadãos, amigos da Pátria e do Rei" (26).

Aliás, referindo-se ao governador do Pará, general Martinho de Souza e Albuquerque, D. Caetano escrevia ao bispo de Angola: "tem qualidades de coração estimabilíssimas; ama a paz; nem se alterou ainda o laço de amizade e de política com que saímos de Lisboa" (27).

Ao aludir à atuação posterior do prelado, como arcebispo de Braga, Francisco Antônio Duarte da Fonseca, declara :

"Foi incansável o seu zelo, instruindo os povos na obrigação de dar a Deus o que é de Deus, e aos soberanos tudo o que é próprio de sua soberania, à qual sempre guardou o maior e mais devido acatamento" (28).

Mesmo acentuando a distinção de áreas de atuação dos dois poderes, e afirmando sua decisão de não se imiscuir na política, D. Coetano Brandão continua ainda vendo a Igreja como um sustentáculo do poder estabelecido e da ordem social vigente.

Conclusão

Apesar de um governo episcopal relativamente breve, D. Caetano Brandão tornou-se importante figura

da hierarquia eclesiástica colonial. É inegável que moldou sua atividade pastoral segundo o modelo tridentino de Igreja. Não obstante, sua atuação teve pouca repercussão na época, e escassa continuidade nos anos subseqüentes.

Diversos são os aspectos a serem considerados para explicação de tal fato.

Em primeiro lugar, é preciso assinalar o período relativamente curto de sua presença no Pará: seis anos. Em vista da extensão territorial, das dificuldades de comunicação, uma ação mais duradoura necessitaria mais tempo para ser implantada. Aliás, foi essa uma das causas principais do pouco significado da atuação dos bispos durante a época colonial: períodos breves de governo episcopal, entremeados freqüentemente por longas vacâncias.

Em segundo lugar, uma das causas do fracasso desse esforço reformador deve ser atribuído também ao isolamento em que viviam os prelados, não se estabelecendo entre eles nenhuma ação conjunta. O próprio D. Caetano chegou a assinalar a importância de que houvesse intercâmbio de idéias entre os diversos bispos que atuavam nas colônias lusas. Iniciou algum contato epistolar com os prelados de Angola, Bahia e Maranhão, mas não houve continuidade.

Acresce ainda, que a Coroa lusitana não tinha interesse algum em permitir aos bispos o fortalecimento do poder eclesiástico, como ficou evidenciado em princípios do século

Continua na terceira capa

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
novembro de 1985

Os Sinóticos registram que JESUS atravessava a Galiléia ensinando e fazendo O SEU CAMINHO. **O caminho de Jesus** é fazer a vontade do Pai, **sempre**, mesmo quando ela se revela na cruz, no sofrimento, na morte. "O Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos homens. Eles o matarão. Mas, três dias após, Ele ressuscitará" (Mc 8, 31). E "se alguém quer me seguir" — neste caminho — "renuncie a si mesmo, tome a sua cruz, cada dia, e me siga" (Lc 9, 23). "Isto é muito duro!" (Jo 6, 60) foi, e pode continuar sendo, a reação sua e minha, de ouvintes ou de leitores.

Por isso, "muitos dos seus **discípulos** se retiraram e já não andavam com Ele" (Jo 6, 66). Frente a esta desistência, Jesus, com certo desaponto, sonda os **apóstolos**: "Quereis vós, também, retirar-vos?" (Jo 6, 67). E a **Pedro** repele, com veemência: "afasta-te de mim, **satanás**, porque teus sentimentos não são os de Deus mas os dos homens" (Mt 16, 23). A continuar assim, Jesus ficará sozinho! Ficar só, sem continuadores, pareceu possível ao Mestre. Inadmissível e absurda, porém, a perspectiva de alterar os planos que Deus tinha sobre Ele para conformar-se com o que não era estritamente a sua Missão. Aquele aparente fracasso de Pedro mostra, com inflexível clareza, esta absoluta exigência para JESUS e para seus seguidores: fazer a vontade do Pai.

Junto ao poço de Jacó, em Sicar, às quatro horas da tarde, Jesus revela aos seus apóstolos admirados porque Ele conversava com uma mulher: "Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e cumprir a sua obra" (Jo 4, 34).

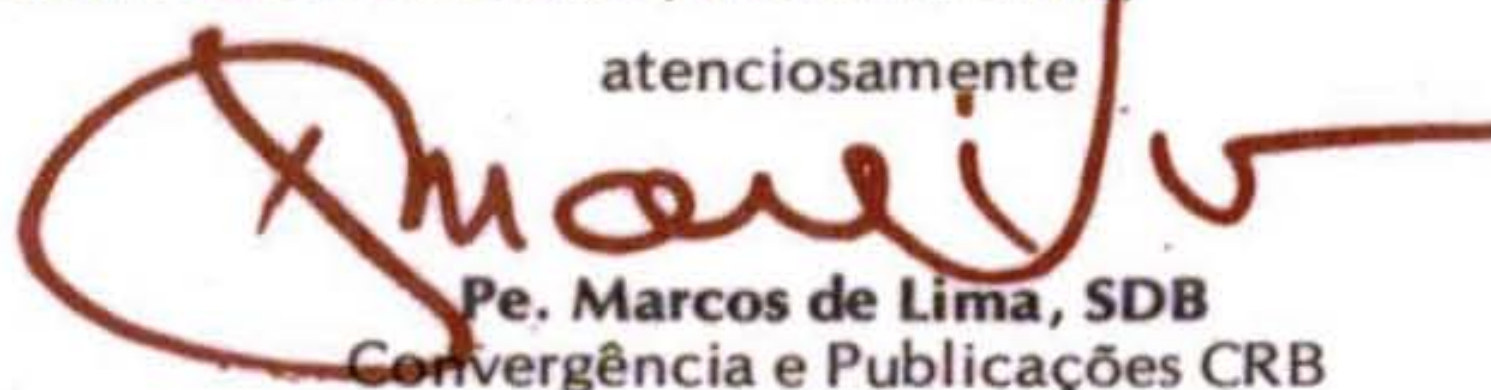
Os Sinóticos registram, ainda, que os apóstolos atravessavam, também, a Galiléia com Jesus. E "**pelo caminho**, haviam discutido quem era o maior" (Mc 9, 34). **O caminho dos homens**: interesse, competição, disputas, precedência, ambição de poucos sobre a exploração de tantos, jogo do poder, riqueza, privilégios, títulos, dominação, **estar por cima**. Como vê, o caminho de Jesus não se identifica com o caminho dos homens. Quem sabe, para mim e para Você, não tenha chegado a hora do retorno!

JESUS quer companheiros **NO SEU CAMINHO**. Ele precisa de continuadores de sua caminhada. Mas, na sua ótica, importante não é **estar em cima ou em baixo**. Fundamental e decisivo é **ESTAR DENTRO** dos planos de Deus. A fé nesta verdade — e não a esperteza humana — é a chave única de felicidade duradoura. A força da aceitação dos desígnios de Deus — e não o ter, o saber e o poder — é que restituirá à pessoa humana a esperança e a dignidade de Filho de Deus.

Adquirir esta fé, persistir nela, no seu empenho, mesmo nos momentos mais cruciais da vida, quando o espírito humano não encontra sossego, precisa ser a marca do(a) Religioso(a). Tudo o que se cumpriu em Jesus, por vontade do Pai, rearticula-se, lentamente, de novo, ao longo dos séculos, tecendo a História da Salvação. Neste emaranhado de acontecimentos, Você, Religioso(a), é figura de relevo. Creia. E viva intensamente este papel.

Sempre ao seu inteiro dispor, com fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente



Pe. Marcos de Lima, SDB
Convergência e Publicações CRB